



**Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde - FACES**

**Curso: Psicologia**

**A Subversão como Alternativa para a Emergência do Sujeito  
e Produção de Saúde:  
Casos de Hipertensão**

**Mariana Oliveira dos Santos**

**Brasília**

**Dezembro de 2008**

**Mariana Oliveira dos Santos**

**A Subversão como Alternativa para a Emergência do  
Sujeito e Produção de Saúde:  
Casos de Hipertensão**

Monografia apresentada como requisito  
para conclusão do curso de Psicologia do  
UniCEUB - Centro Universitário de  
Brasília. Professor-Orientador: Prof. Dr.  
Fernando González Rey.

Brasília

Dezembro de 2008



**Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde - FACES**

**Curso: Psicologia**

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

---

Fernando González Rey

---

Valéria Mori

---

Maurício Neubern

A Menção Final obtida foi:

---

Brasília

Dezembro de 2008

Dedico este trabalho ao meu avô Oswaldo, por ter investido e acreditado na minha capacidade de crescer como pessoa e como profissional. Por ser um grande exemplo de vida e de luta para mim. Por ser aquele com quem sempre tive a certeza de que posso contar. Muito obrigada, Vô!

Dedico também ao Fernando Rey, meu querido professor, orientador, mestre e referência intelectual, por sua capacidade de ter feito brotar em mim a inquietude do pensamento e a sede de conhecimento. Por ter me ensinado a questionar minhas certezas e a ter humildade para entender que o caminho do conhecimento não tem fim. Te agradeço muito, Fernando!

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos aqueles que estiveram presentes durante minha trajetória acadêmica e, de alguma forma, participaram do meu desenvolvimento e crescimento pessoal.

Agradeço à Deus por permitir que eu chegasse até aqui, me dando força de vontade para prosseguir.

Agradeço à minha mãe Izamara que apartou minha ansiedade diversas vezes e sempre procurou dar uma palavra de incentivo e apoio. Por todos os valiosos ensinamentos que contribuíram para a constituição do meu caráter. Pela amizade que nunca será apagada e continuará sendo a fonte de nosso carinho e união.

Agradeço à minha avó Regina que foi sempre muito acolhedora e carinhosa comigo, e talvez nem saiba o quanto seu afeto me fortalece. Por sua forma atenciosa e dedicada de ser. Por sua amizade e confiança que guardo no fundo do meu coração.

Agradeço ao meu pai Oswaldo por acreditar em mim, me oferecendo seu apoio e sempre dando suas orientações como forma de zelo, atenção e afeto. Por sua torcida declarada pra que eu tenha sucesso e realização em minha vida.

Agradeço à Jaira, minha amiga querida, por sua incrível capacidade de compreensão, por sua confiança e respeito. Também por sua forma amorosa e cativante de ser, dona de um coração sem tamanho, que me serve de exemplo.

Agradeço a minha tia avó Maria (Tiuinha), por sua forma doce e afetuosa de tratamento comigo. Por seu importante exemplo de gentileza e diplomacia. Alguém com quem adoro conversar e aprender sempre.

Agradeço à minha tia amiga, companheira, confidente Alcione. Sua transparência, emotividade e empatia me ensinam diariamente. Uma pessoa linda e forte, disposta a aprender constantemente. Nossa cumplicidade me faz sentir querida e abraçada.

Agradeço também aos meus irmãos Guilherme (Gui) e Luiz Gustavo (Guto) que compartilharam seus pensamentos e conhecimentos comigo, participando do meu crescimento. O aprendizado emergente de nossos conflitos me faz crescer e entender que não é necessário concordar para amar.

Agradeço à minha querida terapeuta Cristiane (Cris) por sua assistência e cuidado comigo. É aquela que ouve e acolhe minhas dores e carências e sempre me mostra outra face. Além disso, ela é uma referência da psicologia em ação para mim.

Agradeço ao meu namorado Hélio por dar Vida à minha jornada. Pelos momentos em que foi meu co-orientador, por nossas conversas intermináveis e enriquecedoras, por me segurar quando estive fraca. Sua garra me ensina a não desistir e me faz admirá-lo sempre mais. Uma pessoa linda e vencedora em quem acredito e que amo muito.

Agradeço também à professora Valéria Mori, profissional inigualável, sempre disposta a ajudar. Teve fundamental importância para que eu chegasse à conclusão deste trabalho. Nunca esquecerei de sua postura como professora amiga e exemplar.

Agradeço ao professor Maurício Neubern que me proporcionou valiosos ensinamentos em suas aulas e compartilhou comigo seus conhecimentos, auxiliando em minha construção deste trabalho.

Agradeço à Carmem e Livia, participantes desta pesquisa que disponibilizaram seu tempo para cooperar com minha pesquisa e cuja colaboração foi de fundamental importância para mim.

Agradeço à todos os meus queridos amigos do CEUB que fizeram parte de minha história. Guardarei na lembrança nossos momentos universitários e de descontração. São eles: Ana Kely Correia, Carolina Rios, Rildo Marques e Ana Paula Novas.

...A minha alma  
Tá armada e apontada  
Para a cara do sossego.

Pois paz sem voz  
Paz sem voz  
Não é paz é medo.

Às vezes eu falo com a vida,  
Às vezes é ela quem diz:  
"Qual a paz  
Que eu não quero conservar  
Prá tentar ser feliz?"...

("Minha Alma" - O Rappa – Composição: Marcelo Yuka)

## RESUMO

Esta monografia apresenta o tema da subversão como alternativa para a emergência do sujeito e produção de saúde, fazendo o recorte em casos de hipertensão. Tem como objetivos analisar a subversão como forma de produção de sentidos subjetivos à emergência do sujeito, bem como a construção do espaço social do sujeito orientado à subversão, buscando entender os desdobramentos em seu processo de saúde e doença na hipertensão. Pretendeu-se também compreender a relação entre os gatilhos que acionam a resposta hipertensiva e a postura subversiva assumida pelo sujeito além de gerar uma reflexão acerca das limitações epistemológicas do modelo biomédico. O presente trabalho fundamentou-se principalmente na Teoria da Subjetividade desenvolvida por González Rey, nas contribuições de Morin acerca da Complexidade e na noção de sujeito apresentada por Touraine. Esta pesquisa enfatiza a subjetividade do sujeito e propõe o estudo da saúde considerando-a como processual, dinâmica e complexa que se articula na subjetividade humana. A metodologia empregada nesta pesquisa baseia-se na Epistemologia Qualitativa que enfatiza o caráter construtivo-interpretativo da produção do conhecimento. Nesta perspectiva, considera-se tanto o pesquisador quanto os participantes como sujeitos na pesquisa. A Construção da Informação, nesta abordagem, foi feita a partir da produção interpretativa da pesquisadora sobre o momento empírico, sendo que suas elaborações não são evidentes nos fatos. Foram feitas entrevistas e aplicação de complementos de frases em dois participantes em suas residências. As considerações finais apontam que existe a possibilidade de que o indivíduo torne-se sujeito pela via da subversão e que tal postura pode estar relacionada com sua produção de saúde. Porém, é necessário ressaltar que os desdobramentos da ação do sujeito são imponderáveis, tendo conseqüências que podem até mesmo colocar em risco sua própria condição de sujeito. A pesquisa visou contribuir para a produção de conhecimento acerca do tema da saúde, da subversão e da subjetividade, porém fundamentada na compreensão de que a produção do conhecimento é fonte inesgotável.

**Palavras-chaves:** subversão, subjetividade, saúde.



## ABSTRACT

This monograph presents the theme of the subversion as alternative for the emergency of the subject and health production, doing the cutting in hypertension cases. It has as objective to analyze the subversion as production form of subjective heartfelt to the emergency of the subject, as well as the construction of the social space of the subject guided to the subversion, seeking to understand the unfoldings in your health and disease process in the hypertension. It also intended comprehend the relation among triggers that activate the answer hypertensive and the subversive posture taken over by the subject besides generating a reflection concerning the limitations epistemologicals of the biomedical model. The present work it based mostly in the Theory of the Subjectivity developed by González Rey, in Morin's Contributions concerning the Complexity and in the subject notion presented by Touraine. This research emphasizes the subjectivity of the subject and proposes the study of the health considering her as processual, dynamic and complex that is articulated in the human subjectivity. The main methodology in this research it bases on Qualitative Epistemology that emphasizes the constructive-interpretative character of the production of the knowledge. In this perspective, it considers both the researcher and the participants as subject in the research. The Construction of the Information, in this perspective, was made from the researcher's interpretative production on the empiric moment, and her elaborations are not evident in the facts. interviews were done and sentences complements application in two participants in her residences. The final considerations point that there is the possibility that the individual becomes subject by the way of the subversion and how about posture can be related with your health production. However, it is necessary to stress that the unfoldings of the action of the subject are imponderable, having consequences that can even place in your risk subject own condition. The research aimed contribute for the knowledge production concerning the theme of the health, of the subversion and of the subjectivity, however based in the comprehension that the production of the knowledge is inexhaustible source.

**Words-keys:** subversion, subjectivity, health

## SUMÁRIO

<b>DEDICATÓRIA</b> .....	iv
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	v
<b>EPÍGRAFE</b> .....	vii
<b>RESUMO</b> .....	viii
<b>ABSTRACT</b> .....	ix
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPITULO 1 – Subjetividade e Complexidade</b> .....	16
1.1 Subjetividade Social e Subjetividade Individual.....	24
1.2 Sentido Subjetivo.....	25
1.3 Configuração Subjetiva.....	28
1.4 Sujeito.....	30
1.5 Subversão.....	34
<b>CAPITULO 2 – Saúde e Doença</b> .....	40
2.1 O Modelo Biomédico.....	40
2.2 O Processo Saúde/Doença.....	41
2.3 Hipertensão.....	44
<b>CAPITULO 3 – Metodologia de Pesquisa</b> .....	47
3.1 Epistemologia Qualitativa.....	47
3.2 Participantes da Pesquisa.....	52

<b>3.3 Instrumentos</b> .....	52
<b>3.3.1 Dinâmica Conversacional</b> .....	53
<b>3.3.2 Complemento de Frases</b> .....	53
<b>3.3.3 Anamnese</b> .....	54
<b>3.4 Cenário</b> .....	54
<b>CAPITULO 4 – Construção da Informação</b> .....	59
<b>4.1 Construções Elaboradas a partir das Informações da Participante Carmem</b> .....	59
<b>4.2 Construções Elaboradas a partir das Informações da Participante Lívia</b> .....	69
<b>Considerações Finais</b> .....	78
Considerações Finais Acerca do Caso de Carmem.....	78
Considerações Finais Acerca do Caso de Lívia.....	79
Considerações Finais Acerca dos Casos Relacionados.....	81
A Produção Teórica Inesgotável.....	83
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	84
<b>APÊNDICES</b> .....	87

Esta pesquisa apresenta o objetivo geral de analisar o tema da subversão como possibilidade para a emergência do sujeito, bem como a articulação deste elemento no processo saúde/doença por meio de casos de hipertensão.

O trabalho teve como base teórica as formulações acerca da subjetividade e da complexidade por um paradigma pós-moderno que visa superar as limitações do paradigma da modernidade no que diz respeito à noção de sujeito. Nesta perspectiva, abandona-se o enraizamento no positivismo que marginaliza os processos subjetivos e o sujeito do foco da ciência. Sobre isto, Boaventura Santos (1989) diz que:

O positivismo lógico representa o apogeu da dogmatização da ciência, isto é, de uma concepção de ciência que vê nesta o aparelho privilegiado da representação do mundo, sem outros fundamentos que não as proposições básicas sobre a coincidência entre a linguagem unívoca da ciência e a experiência ou observação imediata, sem outros limites que não os que resultam do estágio do desenvolvimento dos instrumentos experimentais ou lógico-dedutivos. (p. 22)

Nesta pesquisa, o tema foi abordado a partir de uma perspectiva que supera o positivismo e que evoca o sujeito como singular, complexo, ativo e participativo nos processos, sociais, culturais e de sua saúde.

Esta perspectiva advém da carência de compreender os temas da subjetividade, do sujeito e das diversas esferas nas quais ele atua como processos inter-relacionados que nutrem-se uns dos outros. Guattari (1989) a respeito desta necessidade afirma o seguinte:

Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar “transversalmente” as interações entre

ecossistemas, mecanosfera e Universos de referência sociais e individuais. (p 70)

O reconhecimento da integração dos complexos sistemas nos quais o sujeito se insere e participa como constituinte e constituído, representa o surgimento de uma nova zona de sentido definida por González Rey (2003) como “a criação de um novo espaço de significação sobre o estudado, sem pretensão de uma correspondência direta entre categorias usadas e a realidade estudada” (p.23). A importância de lançar esse olhar diferenciado sobre as questões referentes ao sujeito é a de representar a busca por uma compreensão aprofundada que supere as limitações existentes na ciência clássica e nas construções teóricas da modernidade.

Uma das principais fundamentações teóricas na qual esta pesquisa se embasou é a Teoria da Subjetividade e suas principais categorias constituintes: subjetividade, subjetividade social, subjetividade individual, sujeito, sentido subjetivo e configuração subjetiva<sup>1</sup>. Outra base teórica referente o sujeito foi a concepção de Touraine (2007) que o entende como aquele que emerge pela via da resistência às normas, regras e poderes que o alienam para afirmar sua singularidade.

A abordagem do tema saúde/doença foi fundamentada na concepção de González Rey na qual, tais conceitos são entendidos como categorias processuais e configurada na articulação da subjetividade social com a individual de maneira complexa. O processo saúde/doença é visto de forma contextualizada, multidimensional e subjetiva (González Rey, 2004a).

A abordagem do processo saúde/doença com um enfoque multidimensional e complexo abarca em si uma reflexão crítica a respeito da saúde e doença concebida pelo

---

<sup>1</sup> Todas estas categorias serão aprofundadas mais adiante, na fundamentação teórica da pesquisa.

modelo biomédico e embasada no positivismo. A análise crítica de tal modelo foi fundamentada, entre outros autores, também na perspectiva de González Rey cuja análise sobre a abordagem biomédica é de que, por partir de uma “orientação descritivo-experimental, este não valoriza na dimensão justa, os aspectos sociais e subjetivos da saúde humana” (González Rey, 2004a p.2).

Os principais objetivos desta pesquisa são:

(a) Analisar a subversão como forma de produção do sentido subjetivo à emergência do sujeito;

(b) Conhecer a relação entre as emoções geradoras da resposta hipertensiva e os posicionamentos orientados a subversão assumida pelo sujeito.

(c) Analisar a construção do espaço social da subversão no sujeito pesquisado e os possíveis desdobramentos no seu processo de saúde/doença da hipertensão.

(d) Tecer uma análise crítica sobre as limitações epistemológicas do modelo biomédico e sobre a importância de se adotar uma nova perspectiva diante do processo saúde/doença de forma a resgatar o sujeito como mediador de tal processo.

O que se pretende com a pesquisa, é contribuir para a construção do conhecimento sobre o tema, mas sem o intuito de encerrar o assunto e sim ampliar a discussão sobre ele.

Para Touraine (2007) o sujeito surge da resistência e luta contra aquilo que o impede de ser ele mesmo. Para o autor, “não há sujeito senão rebelde, dividido entre raiva e esperança”. A partir desta concepção de sujeito e da perspectiva de González Rey sobre a saúde como processo do qual o indivíduo participa de forma ativa e consciente, que se organiza mediante as múltiplas alternativas do sujeito e seus sentidos

subjetivos, esta pesquisa se propôs a analisar a subversão como alternativa para a emergência do sujeito, e as interfaces relacionais de sua configuração subjetiva no processo saúde/doença da hipertensão (González Rey, 2004a).

Justifica-se esta pesquisa pela possibilidade que ela traz de dar continuidade à construção do conhecimento fundamentado em uma perspectiva diferenciada do tema da saúde, na qual o sujeito é apresentado como mediador, sendo capaz de gerar sentidos subjetivos que são parte do seu processo saúde-doença. A construção da informação partiu de dois casos de hipertensão. A pesquisa também faz uma discussão e reflexão mais refinada sobre a subversão, trazendo-a como alternativa dentro de uma nova perspectiva, e a partir da qual o sujeito retorna para si, luta pela tomada do sentido de sua própria existência e cria sua liberdade e responsabilidade. (Touraine, 2007).

## 1. Subjetividade e Complexidade

A presente pesquisa fundamenta-se sobre as construções teóricas contemporâneas que abarcam a subjetividade e a complexidade para abordar o tema da subversão, da emergência do sujeito e da produção de saúde. Existem diversos autores pós-modernos<sup>2</sup> que inserem-se em uma perspectiva alternativa às da modernidade e da ciência clássica com relação às questões atropossociais. Uma das principais fontes de embasamento para esta pesquisa sobre o assunto da subjetividade foi a Teoria da Subjetividade elaborada por Fernando González Rey e traz em si, tanto uma crítica contundente e necessária para contrapor o paradigma dominante que se baseia em pressupostos universais e naturalistas e numa metodologia reducionista e quantitativa, quanto uma nova proposta para compreender o ser humano em sua totalidade. Trata-se de uma teoria que embarca em uma nova perspectiva e epistemologia para abordar os temas da psicologia e áreas afins.

Nesta abordagem, a subjetividade é tanto uma teoria quanto uma categoria. É uma teoria por apresentar uma representação da psique humana que, a partir de uma perspectiva histórico-cultural reconhece sua realidade complexa e irreduzível ao mesmo tempo em que carrega uma crítica ao paradigma hegemônico e ao conhecimento produzido na psicologia a partir dele. A Teoria da Subjetividade se expressa por meio de um conjunto de categorias (sujeito, configuração subjetiva, sentido subjetivo etc.) que se articulam em relação à categoria subjetividade. Desta forma, a subjetividade é uma categoria central definida como um sistema em desenvolvimento cuja unidade principal é a configuração subjetiva que integra o atual e o histórico, o individual e o

---

<sup>2</sup> Pode-se citar Guattari, Deleuze, Touraine, González Rey, Mitjanz Martinez, Neubern, Boaventura Santos, Rolnik, Derrida, Fontanella, Lane, entre outros.



social, que nunca está determinada a priori e que constitui a personalidade dos indivíduos (Mitjánz Martínez, 2005; González Rey, 2005a).

Esta definição da subjetividade não tem relação com a forma pela qual tal conceito surgiu em algumas correntes filosóficas da modernidade em que aparecia na concepção de mentalismo, subjetivismo ou racionalismo. Tampouco seu significado se reduz à significação que o termo possui no senso comum que está geralmente relacionado ao “íntimo de cada um” ou ao “oposto do objetivo”. A subjetividade nesta perspectiva visa qualificar o objetivo e nunca estar oposto a este. É uma expressão do paradigma epistemológico da complexidade na psicologia (Mitjánz Martínez, 2005). Trata-se de um sistema complexo, plurideterminado, afetado pelo curso da sociedade e pelas pessoas que a constituem dentro do “contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social” (González Rey, 2003, p.1).

Quando se fala de complexidade, também faz-se necessário compreender a profundidade que tal conceito possui. No senso comum muitas vezes falar de complexidade é falar de “complicação”, do “obscuro”, do “contrário da simplicidade”. Na história da filosofia a noção de complexidade tem aparecido de forma muito diversa (Mitjánz Martínez, 2005). Dentre os autores que abordam o assunto, Edgar Morin é um dos que tem contribuído significativamente para o desenvolvimento do paradigma da complexidade assim como para sua difusão. A definição deste autor, que está em conformidade com o que afirma a Teoria da Subjetividade, a respeito do que é a complexidade é a seguinte:

O que é a complexidade? A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexo: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações,

determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambigüidade, da incerteza... (2006, p. 13)

Neste sentido, diferentemente de “complicação”, a complexidade constitui uma compreensão da realidade na qual o caráter desordenado, contraditório, incerto e ambíguo é reconhecidamente o que a caracteriza.

A Teoria da Subjetividade se desenvolve com tal visão da realidade e isto se atesta quando González Rey afirma que “o estudo da subjetividade concretiza no campo da psicologia a visão da complexidade defendida por Morin...”(2003, p.273). Adotar um pensamento complexo é se desfazer de certezas determinantes e reducionistas que estariam mais de acordo com um paradigma da simplicidade. É pensar em inúmeras possibilidades e não em relações estáticas e lineares. O pensamento complexo representa o reconhecimento da desordem e da incerteza como próprios da realidade. Mas também significa legitimar o caráter singular, indivisível e histórico dos processos humanos. Esta perspectiva é contrária ao pensamento científico da modernidade que supõe a ordem, a certeza como fundamentos geradores de inteligibilidade para uma ciência baseada no controle de variáveis, predição e validação.

As categorias subjetividade e sujeito da forma como são apresentadas pela Teoria da Subjetividade são categorias subversivas. González Rey (2005a) explica tal afirmação da seguinte forma:

Em primeiro lugar, porque desnaturalizam a compreensão do social, apresentando-o como produção de sentidos, e porque se afastam da lógica manipulada do bem e do mal universais, do justo e do injusto, como peças invariáveis de um discurso político que oculta os

interesses dos protagonistas; segundo, porque legitimam o espaço e a tensão da diferença, reconhecendo assim o direito de posições distintas dos sujeitos individuais.(p.28)

O paradigma dominante é constituído por pressupostos universais e naturalistas que constroem um conhecimento engessado e reificado tanto sobre a esfera social quanto sobre a individual. Na perspectiva da Teoria da Subjetividade, o social é tido como um sistema processual dinâmico que não se limita à externalidade, mas configura-se na integração do individual com o social. Neste sentido, o social e o individual<sup>3</sup> são sistemas independentes, mas que constituem-se um ao outro de forma simultânea, sem que haja a dissolução de algum, pois é na atuação concomitante de ambos no decorrer da história que acontece a permanente produção de sentidos.

A Teoria da Subjetividade, com tal representação das esferas social/individual e com a legitimação do sujeito por sua diferença e singularidade, constituiu um pensamento distanciado da lógica dicotômica evidenciada pela categorização do bem e mal universais característica do pensamento dualista que conduz à cristalização e naturalização das idéias estabelecidas pelo paradigma hegemônico. Tal universalização do certo e errado, do justo e injusto como categorias institucionalizadas pelo pensamento vigente, também constitui uma idéia que legitima, de forma encoberta, discursos de ordem política provenientes do sistema dominante.

Partindo de uma visão mais abrangente, pode-se perceber outras evidências da subversão na categoria da subjetividade. A ciência clássica se edificou sobre quatro princípios fundamentais que Morin denominou como os “quatro pilares da certeza”. A definição de subjetividade aqui apresentada representa a subversão de cada um deles (Mitjanz Martinez, 2005).

---

<sup>3</sup> Mais adiante serão aprofundadas as considerações da Teoria da Subjetividade sobre as esferas social / individual no tópico sobre a Subjetividade Social e Subjetividade Individual.

Um dos pilares é o princípio da Ordem, que resumidamente diz respeito à concepção do determinismo dos fenômenos como expressão de leis subjacentes. Apresenta-se a desordem apenas na aparência quando não se detém conhecimento suficiente sobre o assunto. Este princípio embasa a busca da ciência pela regularidade, assim como o estabelecimento de relações lineares e deterministas de causa e efeito. Todavia, a concepção da subjetividade implica justamente no reconhecimento da diversidade de formas, da complexidade e singularidade dos fenômenos. A correspondência entre as categorias e/ou fenômenos não acontece de forma linear, mas sim, com frequência, de forma contraditória (Mitjanz Martinez, 2005; González Rey, 2005b).

Outro princípio é o da Separabilidade que refere-se à idéia de que para se atingir a compreensão do fenômeno é preciso decompô-lo em elementos. Ou seja, reduz-se o fenômeno às partes que o constituem. A forma como a subjetividade se expressa, os processos de sentido e significado que a definem, constituem configurações cuja qualidade constitutiva é irredutível a qualquer um de seus componentes. (Mitjanz Martinez, 2005). A subjetividade é, em si, uma categoria integradora, constituída por componentes dinâmicos, processuais e indissociáveis que a caracterizam como sistema e que qualificam o fenômeno objetivo. Nesta perspectiva, o todo é qualitativamente diferente da soma de suas partes.

O princípio da Redução é outro pilar sobre o qual a ciência clássica se sustentou (Mitjanz Martinez, 2005). Este princípio reforça os outros já citados e refere-se à suposição de que os elementos fundamentais do conhecimento são aqueles pertencentes a algum domínio da realidade (que a depender da especialidade do cientista pode ser a dimensão biológica, social, psicológica, genética etc.), marginalizando a compreensão

do conjunto e da diversidade. Tende a restringir o inteligível ao mensurável e quantificável.

No entanto, a Teoria da Subjetividade foge de qualquer tentativa reducionista quando parte do reconhecimento da subjetividade como sistema complexo, impossível de ser decomposto em elementos e que se desenvolve de forma constante dentro de outros sistemas em relação aos quais atua em sua dupla função de constituinte e constituído (González Rey, 2003). A partir desta noção, os fenômenos humanos se processam de forma simultânea e dinâmica em todas as suas dimensões (biológico, psíquico, social, histórico, cultural), e estudá-las em conjunto significa atribuir qualidade e singularidade ao fenômeno humano.

O princípio da Lógica Indutivo-dedutivo-identitária é outro sustentáculo da ciência clássica e diz respeito à efetividade atribuída à razão, aos princípios da lógica aristotélica na produção do conhecimento científico e às suas conseqüências para a compreensão do mundo. Trata-se de uma lógica que concebe o mundo como coerente, totalmente acessível ao pensamento e tudo o que escapa a esta coerência se torna ilógico, alheio ao mundo e à realidade (Mitjanz Martinez, 2005).

A Teoria da Subjetividade insere-se no paradigma da complexidade, o que significa reconhecer, o caráter irracional da subjetividade humana. Concebe-se que o emocional e o simbólico se integram complexamente na experiência e na psique humana de forma, muitas vezes, alheia à razão inviabilizando qualquer possibilidade de predição, inclusive de explicação (Mitjanz Martinez, 2005). O reconhecimento do caráter irracional da subjetividade humana e, mais do que isso, da impossibilidade de se identificar subjetividade pela razão com a inserção no paradigma da complexidade, propicia a evolução e alargamento do conhecimento, pois, despojando-se da

racionalização<sup>4</sup>, apela-se para a busca de conhecimento aprofundado e constante, sem a pretensão de encerrá-lo em verdades absolutas e dedutíveis.

A Teoria da Subjetividade em consonância com a teoria da complexidade representa um sistema teórico aberto. Isto significa considerar a necessidade da relação entre a teoria e o real, reconhecendo que a proposta não deve ser a de uma teoria que toma posse da realidade, mas que dialogue com esta. Este diálogo acontece a partir dos pontos convergentes entre a teoria e os sistemas complexos da realidade possibilitando a emergência e inovação da inteligibilidade sobre o fenômeno estudado. Para que este diálogo seja possível é preciso fundamentar-se em pressupostos flexíveis, que não pretendam se encerrar em verdades e certezas. Tal pretensão é compatível com teorias que representam sistemas fechados, ou seja, representam uma visão de mundo classificadora, analítica, reducionista e mecanicista (Morin, 2006).

Para romper com o princípio da causalidade linear que favorece o pensamento mecanicista, o estudo da subjetividade aqui apresentada fundamenta-se no conceito de *recursividade* que refere-se à compreensão de que “os efeitos e os produtos são necessários para o processo que os gera. O produto é produtor do que o produz” (Morin, 2006, p.87). O processo recursivo caracteriza a organização simultânea de elementos na configuração da subjetividade. Trata-se de uma proposta para substituir a visão mecanicista de ver, por exemplo, a cultura, sujeito e subjetividade como fenômenos diferentes que se relacionam, para passar a vê-los como fenômenos que não são idênticos, mas se integram como “momentos qualitativos da ecologia humana” (González Rey, 2003 p.78) em uma relação simultânea e auto-organizadora.

---

<sup>4</sup> Edgar Morin (2000) diferencia *racionalização* de *racionalidade*, referindo-se à primeira como aquela que pretende ser racional, fundamenta-se na dedução e indução e constitui um sistema lógico e perfeito. Porém a racionalização embasa-se em princípios mutiladores, fechados, que ignoram a subjetividade e a vida irracional. A racionalidade seria aquela que reconhece suas insuficiências, que é aberta, que dialoga com o real e que é o fruto do debate argumentado das idéias, e não a propriedade de um sistema de idéias.

Outro rompimento que o estudo da subjetividade apresenta é com relação às dicotomias fundadas pelo pensamento cartesiano da modernidade: mente-corpo, externo-interno, social-individual, afetivo-cognitivo etc. A superação destas dicotomias acontece a partir da concepção de que as categorias se relacionam de forma dialética, ou seja, considera-se que os sistemas evoluem a partir das contradições geradas por eles. Segundo González Rey (2003), estas contradições são as forças motrizes dentro das quais as categorias atuam de forma recíproca e em constituição recursiva.

A concepção apresentada sobre a subjetividade, com um enfoque histórico-cultural e complexo representa um novo olhar que rompe com aquele que tem prevalecido no paradigma hegemônico no mundo ocidental. Mas vale lembrar que um paradigma tem a função de representar um conjunto de pressupostos que gerem inteligibilidade sobre o mundo, sobre os fenômenos e sobre a realidade. A hegemonia de um paradigma está relacionada ao momento histórico, à cultura e ao caminho buscado pela ciência vigente. O paradigma não invade uma cultura, mas é abraçado por ela. Segundo Edgar Morin (2006), um paradigma, ao ser formulado por alguém, “é no fundo o produto de todo um desenvolvimento cultural, histórico, civilizatório” (p.77).

A proposta desta nova perspectiva brevemente apresentada é de superar as limitações incontornáveis daquela dominante, visando a emergência das construções acerca da subjetividade e do sujeito como mediador de seus processos sócio-histórico-culturais. Trata-se de uma visão alternativa para compreender os fenômenos antropossociais diante daquela apresentada pela ciência moderna. Um novo olhar para a realidade, no qual conscientiza-se do estado de inter-relação entre os fenômenos em que ocorre a interação simultânea e de mútua interdependência entre seus componentes (Capra, 1982). É também uma visão que, referente às construções científicas, abandona o pensamento sobre estruturas para pensar em processos, que evoca uma ciência

despojada de alicerces rígidos para pensar em rede. A rede representa a interconexão dos fenômenos, na qual não há nada primário ou secundário. Abandona-se a verdade para buscar possíveis aproximações (Capra, 2000). Sobre este desafio, Boaventura Santos (1989) sintetiza quando diz que “a luta pela ciência pós-moderna e pela aplicação edificante do conhecimento científico é, simultaneamente, a luta por uma sociedade que as torne possíveis e maximize a sua vigência” (p. 160).

### **1.1 Subjetividade Social e Subjetividade Individual.**

A Teoria da Subjetividade diferencia a subjetividade social da individual. Porém essa distinção não significa que essas duas esferas devem ser estudadas separadamente, pois considera-se que são indissociáveis e constituem uma a outra de forma recursiva.

A categoria de subjetividade social aparece a partir de um esforço teórico de superar a dicotomia entre o social e o individual embasando-se na dialética e na complexidade. Além disso, representa um rompimento com a idéia de que subjetividade é um fenômeno individual para apresentá-la como “um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual...” (González Rey, 2003 p.202).

González Rey (1993, citado em González Rey, 2004b) define a subjetividade social como:

...o sistema integral de configurações subjetivas<sup>5</sup> (grupais ou individuais) que se articulam nos vários níveis da vida social, envolvendo-se de maneira diferenciada nas várias instituições, grupos e formações de uma sociedade concreta. Essas formas tão dessemelhantes guardam

---

<sup>5</sup> O conceito de configuração subjetiva será apresentado de forma mais detalhada adiante na pesquisa.



relações complexas entre si e com o sistema de determinantes de cada sociedade concreta, aspectos que devem ser integrados e explicados pela psicologia social (p.141).

O sujeito individual participa ativamente da constituição da subjetividade social assim como o contrário também acontece. A subjetividade individual é constituída na interação com a social. Isto ocorre de forma dialética e recursiva, desta forma, uma categoria não se dilui na outra.

A subjetividade individual indica “processos e formas de organização da subjetividade que ocorrem nas histórias diferenciadas dos sujeitos individuais. Portanto, ela delimita um espaço de subjetivação que contradiz e de forma permanente se confronta com os espaços sociais da subjetivação” (González Rey, 2004b p.141).

A delimitação do espaço de subjetivação individual diz respeito à singularidade do sujeito, à especificidade de sua história e dos significados e sentidos que o sujeito produz sobre ela e sobre a sociedade que a contextualiza. Sendo assim, os sentidos emergentes das experiências do sujeito, não reproduzem nenhuma lógica externa a ele. Para González Rey (2004b), “uma das forças essenciais para o desenvolvimento de ambos os níveis é precisamente a tensão que se produz entre esses dois espaços de subjetivação” (p.141).

## **1.2 Sentido Subjetivo**

O termo “sentido” foi inicialmente utilizado por Vigotsky (1987, citado em González Rey, 2005b) que tinha a preocupação de representar uma unidade que

integrasse as esferas afetiva e cognitiva. González Rey desenvolveu este pensamento e elaborou a categoria *sentido subjetivo*.

O sentido subjetivo expressa os complexos processos da subjetivação e é unidade integradora de diferentes elementos que, em sua junção, o definem (González Rey, 2005b)

González Rey (2003) define o sentido subjetivo como “a unidade inseparável dos processos simbólicos e as emoções num mesmo sistema, no qual a presença de um desses elementos evoca o outro, sem que seja absorvido pelo outro” (p. 127).

O sentido subjetivo é a produção simbólico / emocional do sujeito sobre uma vivência concreta, e representa, de forma única, a sua história e seu contexto social. Desta forma, o sentido é a categoria que permite o entendimento do sujeito como singular, representando a contraposição às categorias rígidas e mutiladoras elaboradas pelas correntes da ciência clássica assim como uma categoria dotada de valor heurístico, uma vez que resgata a construção teórica sobre o sujeito.

O sentido subjetivo não é guiado por idéias de “bem” e “mal” institucionalizados, mas pela forma singular do sujeito vivenciar as circunstâncias. Dizer isto não implica numa dicotomia entre emocional e racional. Ao contrário, significa dizer que ambas esferas são indissociáveis no que tange a ação humana. Por meio do sentido subjetivo o sujeito adota os valores, normas e princípios morais a seguir, mas isso acontece de forma integrada à emocionalidade que nutre a sua configuração subjetiva e que é produzida de forma processual ao longo de sua história e imbricada em seu contexto social.

A respeito desta categoria, González Rey (2005b) faz a seguinte colocação:

O desenvolvimento da categoria de sentido subjetivo facilita explicar que o desenvolvimento da emocionalidade

é resultado da convergência e da confrontação de elementos de sentido, constituídos na subjetividade individual como expressão da história do sujeito e de outros aspectos que aparecem por meio de suas ações concretas no processo de suas distintas atividades. (p.21)

A produção de sentido é a atividade subjetiva do sujeito. O sentido que o sujeito produz sobre as situações concretas representa sua forma única de vê-las e senti-las. Desta forma, o sentido é a expressão do sujeito singular. Porém, esta expressão, não acontece pela verbalização ou a partir de palavras. Merleau-Ponty (1971) diz que “o sentido da palavra não está contido na palavra como som. Mas é a definição do corpo humano de se apropriar numa série indefinida de seus atos descontínuos dos núcleos significativos que ultrapassam e transfiguram seus poderes naturais” (p.246). O sentido transcende o significado das palavras e produz-se em esferas simbólicas para além da linguagem.

Acerca da percepção do sujeito sobre o mundo e a atribuição de sentidos, Fontanella (1995) esclarece:

O exame da percepção revela o sujeito engajado no mundo. Mundo que não precisa de mim – do sujeito – para existir, mas cujo sentido só pode ser o sentido que ele tem para mim. Seria uma petição de princípio afirmar que uma coisa dada possa ter um sentido que, em princípio, não esteja ao alcance do sujeito, do homem. A humanidade, a cultura, cria o sentido das palavras e das coisas. Não há a *res* bruta. O homem não apreende o ser puro das coisas. Todo sentido surgirá da ação do homem nas coisas, ou em relação à elas. Do mesmo modo o ser das coisas (p.72).

Qualquer situação concreta está ao alcance do sujeito, mas não para sua apreensão, e sim para a produção de sentido sobre ela pelo sujeito. O sentido não reproduz a vivência concreta, mas a traduz pela constituição simbólico / emocional do sujeito que a experimenta.

Rocha (2008) em seus estudos sobre a diversidade da *experiência* a diferencia da *vivência*. A experiência está além da vivência, pois “no ato de vivenciar, os momentos passam sem que deles nos apercebamos e se perdem na superfície dos acontecimentos” (para. 5). Segundo este autor, “na verdadeira experiência, as próprias vivências recebem uma forma especial de estruturação interior, mediante a qual passam a fazer parte de nossas vidas, ao serem integradas, de alguma forma, à constituição de nossa subjetividade” (para. 5). As situações vividas que marcam de alguma forma a vida das pessoas, que podem ser ditas “especiais”, são aquelas que geram produções simbólicas e emocionais no sujeito. O sentido subjetivo é o que distingue a vivência da experiência. São os sentidos que habitam as experiências do sujeito que as tornam constituintes de sua subjetividade.

### **1.3 Configuração Subjetiva**

A *configuração subjetiva* apresenta-se na Teoria da Subjetividade como uma categoria essencial para definir a personalidade como forma de organização da subjetividade individual. González Rey (1997) a define como a representação da “constituição subjetiva dos distintos tipos de relações e atividades que caracterizam a vida social da pessoa” (p.118). Ainda segundo este autor, as configurações subjetivas são “as formações psicológicas complexas caracterizadoras das formas estáveis de organização individual dos sentidos subjetivos” (2005b, p.21).

Os sentidos subjetivos que vão sendo produzidos pelo sujeito em decorrência de suas ações no espaço social e contexto histórico vão se organizando e se integrando de forma processual e assim compondo e recompondo constantemente sua configuração subjetiva.

Esta categoria foi desenvolvida para abarcar a complexidade e caráter dinâmico, irregular, e contraditório da organização da subjetividade. Nesta perspectiva, González Rey (1997) conceitua a configuração subjetiva da seguinte forma:

Afirmamos que as configurações são pluridimensionais no sentido que elas expressam a inter-relação necessária de diferentes elementos que, por uma ou outra via, vão se convertendo em estados dinâmicos, ou seja, estados portadores de um valor emocional estável que constituem verdadeiras necessidades para o sujeito. Estes estados, sem dúvida, possuem sentido subjetivo somente dentro de uma inter-relação necessária com outros estados constituídos nas configurações subjetivas que as integre (p.118).

As configurações subjetivas são relativamente estáveis, “por estarem associadas a uma produção de sentidos que antecede o momento atual da ação do sujeito e que pressiona a produção de sentidos de qualquer ação nova em termos da organização do sistema” (González Rey, 2005a p. 35). Porém, isso não significa que a produção de sentidos atual do sujeito estará determinada a priori por sua configuração subjetiva. As produções de sentidos são geradas a partir da tensão entre os sentidos procedentes da ação presente do sujeito e aqueles que o antecedem, já configurados subjetivamente (González Rey, 2005a). Neste sentido, apesar das configurações apresentarem certa estabilidade estão passíveis de constantes modificações, visto que dialogam com os

momentos presentes do sujeito e se rearranjam a partir dos sentidos subjetivos emergentes.

Segundo Neubern (2004), as configurações subjetivas são passíveis de novos arranjos mesmo em relação aos processos históricos, cujas influências “integram-se de formas distintas, em termos configuracionais, em função das relações do sujeito consigo e seus cenários sociais” (p.216) Nesta perspectiva, a configuração subjetiva não representa uma categoria que substancialize a organização subjetiva do sujeito, mas, ao contrário, o concebe como processual, dinâmico e imprevisível.

#### **1.4 Sujeito**

O termo *sujeito* vem sendo utilizado pelas ciências humanas, principalmente pela psicologia, de forma vasta. Porém, faz-se necessário distinguir a noção de sujeito que é apresentada pela abordagem complexa acerca dos processos humanos e da subjetividade na qual esta pesquisa se fundamenta.

A partir do reconhecimento da complexidade, do caráter singular, histórico, cultural, dinâmico e recursivo no processo de constituição da subjetividade humana, compreende-se o sujeito como mediador e participante de seu processo sócio-histórico-cultural. Esta noção foi marginalizada pela ciência que se debruça sobre o positivismo e a naturalização. Estudar os indivíduos como objetos caracteriza a despersonalização do sujeito.

Para falar sobre o sujeito, é interessante apresentar a definição que Guattari (2005) delinea sobre o indivíduo. Para este autor o indivíduo é “resultado de uma produção de massa. (...) É serializado, registrado, modelado” (p.40). Guattari compreende a subjetividade como circulante nas diversas redes sociais, cuja essência é

social e “assumida e vivida por indivíduos particulares” (p.42). Neste sentido, o autor compreende as seguintes possibilidades: a pessoa pode receber esta subjetividade de forma alienada submetendo-se ao que é ditado, ou relacionar-se com ela de maneira expressiva e criadora, na qual a pessoa se reapropria dos elementos subjetivos, tornando-se agente intencional e singularizado<sup>6</sup>.

Para González Rey (2004b), o sujeito é aquele que não se aliena, mas singulariza-se na atuação criativa em seus espaços sociais. Segundo este autor, o sujeito pode ser definido da seguinte forma:

O sujeito representa a possibilidade de particularização dentro dos processos normativos de toda a sociedade e, nesse sentido, está associado ao caráter processual e à tensão que caracterizam a vida social marcando um processo suscetível de mudanças permanentes e inesperadas, e não um sistema submetido a leis supra-individuais que decidem o destino da história. (...) O sujeito se exerce na legitimidade de seu pensamento, de sua reflexão e das decisões por ele tomadas. Por elas, ele entra na dinâmica complexa da vida social (p. 149).

O sujeito se forma na atuação consciente e intencional em seus diversos espaços. Está engajado em seu cenário atual e produz sentidos subjetivos a este relacionados, possibilitando sua reconstituição e ressignificação. O sujeito é gerador de alternativas frente aos contextos de tensão, e emerge das rupturas provenientes de experiências que se

---

<sup>6</sup> Para Guattar o processo de *singularização* “se faz emprestando, associando, aglomerando dimensões de diferentes espécies” (2005, p. 46). Trata-se da captação de elementos que irão construir referenciais próprios.

apresentam impositivas. Para Neubern (2004), a “ruptura com a determinação” (p. 224) é uma das principais diferenças entre a noção de sujeito e indivíduo.

Touraine apresenta interessantes apontamentos sobre este tema. Para ele, o indivíduo torna-se sujeito quando reencontra-se na vida e desta toma posse (2004). Reconhece-se o sujeito em seu engajamento a serviço de sua própria imagem, que constitua sua razão de ser, em seu retorno a si mesmo e àquilo que confere sentido a sua vida, àquilo que cria sua liberdade, sua responsabilidade e sua esperança (2007). Neste sentido, o sujeito aparece na resistência às forças modeladoras e alienantes e na diferença. Ele surge na vontade, esperança e compromisso consigo mesmo de afirmar-se em sua singularidade.

Definir o sujeito como aquele que age por referenciais próprios, que é o único que “pode decidir, dentro da complexidade de vivências e processos simbólicos produzidos nos cenários de sentido em que atua, o rumo de suas ações” (González Rey, 2004b, p. 158) desencadeando novas rotas de produções de sentido, não significa dizer que o sujeito é portador de independência absoluta.

Sobre este assunto, Morin (1998) esclarece que “não se pode separar a idéia de autonomia da de dependência: quanto mais autônomos, mais dependentes somos de um grande número de condições necessárias à emergência de nossa autonomia” (p. 325). O sujeito, para este autor, surge da auto-organização, da autonomia, incerteza e ambigüidade. Mas emerge ao mesmo tempo que o mundo, de forma sistêmica. Ele encontra, por meio de sua auto-referência a consciência de si, em que porta sua suficiência e insuficiência e também traz em si a brecha, a rachadura, o desgaste. (2006). O sujeito não é desagregado, mas sim indissociável de seu meio ambiente, cultura, história e presente que o constituem.



Para Touraine, o sujeito não emerge somente a partir da consciência meditativa de si, de uma reflexão interior e contemplativa. Ele surge da ação proveniente de tal consciência no sentido de efetivar-se enquanto sujeito, lutando contra aquilo que o aliena ou impede de agir em função de sua auto-construção (2004; 1999). O sujeito, neste ponto de vista, caracteriza-se como ativo. Ele aparece na ação que produz em seu espaço social no sentido de exercer sua autonomia e sair da condição de inércia diante das circunstâncias para legitimar sua subjetividade.

Ser sujeito é participar e decidir em sua vida, é lutar pela sobrevivência, e assim, agir e mover-se na direção daquilo que lhe dá sentido, rompendo com o que lhe boicota. O sujeito não é a negação do social ou da cultura. Ao contrário a noção de sujeito aqui apresentada o concebe como constituído e constituinte simultaneamente nas/pelas esferas social, cultural e histórica. O sujeito singulariza-se pela apropriação dos elementos destas esferas que lhe conferem sentido e configura-se subjetivamente na constante inter-relação com tais esferas.

Cabe ressaltar, que a noção do sujeito apresentada aqui não deve ser confundida com uma idéia utópica que represente um “super-homem” ou qualquer forma de idealização. O sujeito não é um indivíduo que atingiu um estado ideal, estático ou perfeito. Estabilidade é, de certa forma, estagnação. Isto é oposto à idéia do sujeito processual, dinâmico e ativo. Sobre isso, Touraine (2004) explica que a instabilidade é característica do sujeito assim como a desinstitucionalização, a desorganização, a fé, a descoberta e tudo que desafie a ordem do tempo e do espaço. O sujeito é frágil e instável devido o “desaparecimento das normas de estabilidade que eram mantidas ao mesmo tempo pela lei e pela opinião pública” (p.96). Touraine (2004) ainda acrescenta que “à medida que nos tornamos potencialmente e mais diretamente sujeitos, nos tornamos mais frágeis...” (p. 100).

O sujeito caracteriza-se pelo movimento e pela autenticidade. Ele é quem rompe com o que não faz sentido. É aquele que age na direção que acredita e torna-se fiel a si. Esta fidelidade direciona seu agir por uma ética verdadeira, posto que forma-se em sua subjetividade e ganha consistência pelo sentido único que recebe e pela atitude reflexiva própria do sujeito. Na constante produção de sentido e reconfiguração subjetiva, o sujeito é capaz de atualizar suas atitudes e modificar seu contexto, construindo e protagonizando sua história.

### **1.5 Subversão**

A subversão será entendida nesta pesquisa, como a atitude de subverter uma ordem reinante adotando-se uma posição diferente e muitas vezes contrária ao anteriormente estabelecido ou proposto. Representa uma modificação configuracional que pode se dar em diferentes níveis, ou seja pode ter seu epicentro no âmbito religioso, científico, político entre outros. Porém, como um verdadeiro terremoto, esta modificação configuracional pode alcançar as mais longínquas estâncias que se ramificam a partir do epicentro e abalar até as estruturas mais sólidas. Daí abre-se o espaço para o novo.

A ordem que se subverte está na interface relacional entre a subjetividade social e a individual, sendo assim, abrange o compartilhamento de significados e o sentido subjetivo do sujeito. O sujeito subversivo enquanto constituinte e constituído da subjetividade social, participa e compartilha dos elementos subjetivos de seu grupo, cultura e sociedade, porém, em algum momento a práxis deste grupo deixa de lhe apresentar sentido e ele busca novas formas de pensar e agir em que possa encontrar eco.

Cabe ressaltar que a noção de subversão que venho apresentar não agrega nenhum tipo de valor em si. Não se trata de uma idéia qualificante, que esteja associada a um valor (a pessoa subversiva é boa ou má), muito menos, representa uma válvula entre dois pólos: negativo ou positivo, visto que a fundamentação da pesquisa será por uma perspectiva que vislumbra a complexidade, superando o pensamento dicotômico e a naturalização. Também não representa a passagem de um estado estático para outro, contrário ou diferente, uma vez que a constituição do sujeito e da subjetividade acontece de forma dinâmica, processual e sistêmica. Trata-se de um tema que consolida-se pela atribuição de sentido, sendo assim, a subversão deve ser entendida dentro de um contexto, e na referência a um sujeito ou grupo específico.

A partir do exposto, inclui-se o termo *subversividade*<sup>7</sup> para representar a postura subversiva englobando seus desdobramentos manifestos na subjetividade de forma contínua e inacabada, ou seja, conceitua a vivência da subversão enquanto produção subjetiva. O conceito faz referência à processualidade da constituição, configuração e reconfiguração do sujeito conferindo tal característica, também à postura subversiva, além de recordar o caráter dinâmico e sistêmico do sujeito.

A subversividade está inteiramente ligada ao sentido subjetivo. Sobre este assunto, González Rey (2005b) diz que “o sentido subjetivo está na base da subversão de qualquer ordem que se queira impor ao sujeito e à sociedade desde fora” (p.22). Nesta colocação, o autor apresenta a subversão como uma atitude dotada de sentido subjetivo. A subversividade representa uma produção de sentidos que constitui um *modus operandi* diferenciado. Neste ponto, difere do sentido subjetivo, pois este não produz, necessariamente, uma ação contraposta. O sujeito pode produzir sentidos subjetivos em consonância com uma ordem estabelecida ou proposta de acordo com sua

---

<sup>7</sup> O conceito de subversividade parte de uma elaboração minha, sendo uma tentativa de atribuir à atitude subversiva, caráter multiarticulado entre as esferas social e individual.

configuração subjetiva. Sendo assim, a principal relação entre a categoria sentido subjetivo e a subversividade é que ambos representam uma produção simbólico-emocional que constitui a práxis do sujeito. Porém, a diferença entre estas categorias é que a práxis do sujeito subversivo apresenta-se como dissonante da ordem estabelecida e da configuração de sentidos subjetivos vigente na constituição do sujeito. A subversividade é uma produção de sentidos que entra em conflito com aqueles que configuram subjetivamente o sujeito proporcionando uma reconfiguração que vai além da reciclagem de sentidos, que vai além da ressignificação, e sim que o faz avançar os limites de seu escopo e o faz buscar em novos arcabouços aquilo que se lhe apresenta como alternativa diante da instabilidade gerada por tal conflito.

A partir destas considerações, propõe-se que a subversão possa representar uma alternativa para a emergência do sujeito. Touraine (2007) apresenta a resistência e a rebeldia como constitutivos do sujeito quando diz que:

O sujeito se forma na vontade de escapar às forças, às regras, aos poderes que nos impedem de sermos nós mesmos, que procuram reduzir-nos ao estado de componente de seu sistema e de seu controle sobre a atividade, as intenções e as interações de todos. Estas lutas contra o que nos rouba o sentido de nossa existência são sempre lutas desiguais contra um poder, contra uma ordem. Não há sujeito senão rebelde, dividido entre raiva e esperança. (p.119)

Considerando que a atitude subversiva baseia-se no sentido subjetivo e apresenta-se como a contraposição ao que lhe apresenta como ditado ou naturalizado, esta pode representar uma alternativa gerada pelo sujeito como caminho para legitimar-se. Alternativa encontrada por meio do rompimento com o que não apresenta sentido e, mais do que isto, na busca por recursos para reconhecer-se na oposição ao que se

apresenta vazio ou incoerente perante o sujeito. Então a resistência ganha sentido e reflete uma ação nutrida pela indignação perante os discursos disponíveis e inexpressivos e pela esperança de encontrar ressonância na diferença. Neste sentido a subversividade representa uma busca, uma luta e confere ao subversivo caráter ativo. A idéia da subversão contraria a inércia.

Salienta-se que a atitude subversiva pode caracterizar-se como destrutiva para a pessoa. Existem atos de rebeldia que são contrárias à idéia da luta pela vida e da esperança colocadas por Touraine (2007). Nestes casos, tal atitude encontra outra direção, que mais parece com a ausência de sentido e auto-destruição do que com a busca de sentido na diferença. Esta é a subversividade que terá enfoque na pesquisa, ou seja, aquela que representa o movimento pela vida. O que não significa que gerará mudanças sempre favoráveis ao sujeito. Neubern (2004) enfatiza que o sujeito produz mudanças constantes que o capacitam a reconfigurar subjetivamente a si e ao seu cenário, porém, “nem sempre as mudanças em que se implicam podem ser suficientes ou adequadas para lidar com seus sofrimentos” (p.144).

O sujeito pode emergir via subversão quando esta, representa a ação na luta pela vida e negação daquilo que não lhe apresenta compatibilidade. Mas não é a negação vazia e destrutiva. É aquela cuja idéia converge com o que diz Bachelard (1978) a respeito da filosofia do não:

A filosofia do não é uma vontade de negação. Não procede de um espírito de contradição que contradiz sem provas, que levanta sutilezas vagas. Ela não foge sistematicamente às regras. Pelo contrário, é fiel às regras no interior de um sistema de regras. Ela não aceita a contradição interna. (p.82)

A partir desta noção de negação propõe-se a subversividade como uma atitude reflexiva do sujeito. Atitude que expressa sua efetivação enquanto singular e autêntico e que proporciona sua desagregação de idéias que consolidaram-se em tradições e dogmas da cultura, ciência, sociedade, grupo social etc. Sobre isso, Figueiredo e Santi (2004) dizem o seguinte:

A perda de referências coletivas, como a religião, a “raça”, o “povo”, a família, ou uma lei confiável obriga o homem a construir referências internas. Surge um espaço para a experiência da *subjetividade privatizada*<sup>8</sup>: quem sou eu, como sinto, o que desejo, o que considero justo e adequado? Nesta situação o homem descobre que é capaz de tomar suas próprias decisões e que é responsável por elas. A consequência desses contextos é o desenvolvimento da reflexão moral e do sentido da *tragédia*<sup>9</sup>. (p. 20)

O sujeito que emerge pela via da subversão não expressa a ausência de ética ou moral. Mesmo quando a subversividade ocorre na esfera religiosa. Ao contrário, este sujeito age conforme uma moral legítima que não depende da institucionalização ou sacralização para subordiná-lo. Age conforme a moral e a fé que lhe emprestam sentido e responsabilidade próprios e que permaneceriam inalteradas mesmo se o sujeito estivesse na posse do *anel de Giges*<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> O que os autores chamam de *subjetividade privatizada* refere-se àquilo que as pessoas sentem como íntimo, que ninguém tem acesso, que dá a percepção de que sua vida é única e seu sentimento é totalmente original e quase incomunicável (2004).

<sup>9</sup> Segundo os autores, a *tragédia* se dá “quando um indivíduo se encontra numa situação de conflito entre duas obrigações igualmente fortes, mas incompatíveis” (2004, p. 20).

<sup>10</sup> Platão (2004) em *A República*, utilizou-se do mito de Giges para discutir sobre a justiça dos atos humanos e questionar o pensamento de que a conduta justa nunca seria voluntária e sim dependente de imposições externas. No mito, Giges era um pastor que prestava serviços ao rei da Lídia. Certo dia, em consequência de um terremoto, abriu-se uma fenda no solo onde ficava seu rebanho. No interior da abertura, Giges encontrou, entre várias maravilhas, um cavalo de bronze, oco em cujo interior havia um

O sujeito pode emergir pela via da subversão quando o distanciamento de referenciais externos e alienantes o faz buscar novos caminhos. Mas esta noção não se aproxima à de Descartes. Para ele, ao pôr em dúvida toda a realidade do intelecto o homem reconheceria sua existência pelo próprio intelecto. Sobre este tema, Guattari (1993) diz o seguinte:

O sujeito não é evidente: não basta pensar para ser como proclamava Descartes, já que inúmeras outras maneiras de existir se instauram fora da consciência, ao passo que o sujeito advém no momento em que o pensamento se obstina em apreender a si mesmo e se põe a girar como um pião enlouquecido, sem enganchar em nada nos Territórios reais da existência, os quais por sua vez derivam uns em relação aos outros, como placas tectônicas sob a superfície dos continentes. Ao invés de sujeito, talvez fosse melhor falar em componentes de subjetivação trabalhando cada um, mais ou menos por conta própria. (p. 37)

A noção do sujeito que parte da complexidade e subjetividade supera a idéia de Descartes que simplifica e racionaliza seu processo de subjetivação. Sua emergência acontece para além de seu pensamento e sua consciência. O sujeito existe em sua originalidade e surge de seu movimento em direção a si.

O sujeito quando se desfaz daquilo que não lhe é coerente e questiona o que está estabelecido movimenta-se em direção ao novo, ao diferente e produz, de forma criativa, alternativas e recursos inovadores. Como afirma Maldonato (2001), “sua transavaliação de todos os valores é destruição criadora, subversão do ser.”

---

cadáver nu segurando um anel de ouro. Gíges apossou-se do anel e percebeu que quando o colocava no dedo com a pedra virada para o interior da mão, tornava-se invisível. Após esta descoberta, Gíges ficou invisível, entrou no palácio real, seduziu a rainha, com sua ajuda assassinou o rei e tomou seu trono. (p.46)

## 2. Saúde e Doença

### 2.1 O Modelo Biomédico

O tema da saúde tem sido abordado pela ciência ocidental associada a uma forma semiológico-descritiva predominante na medicina que caracteriza o modelo biomédico. Neste sentido, a doença definiu-se por diversas expressões sintomatológicas que levaram a caracterização da saúde como ausência de sintomas (González Rey, 2004a). Este pensamento relaciona-se com o paradigma mecanicista da ciência ocidental moderna que identifica-se com um modelo positivista e que visa explicar a saúde e a doença “pela interação mecânica das diferentes partes do organismo humano” (Queiroz, 1986 p.4).

Nesta perspectiva, o foco da ciência volta-se para a doença e seus sintomas. Isto acontece em grande parte por influência do pensamento mecanicista e cartesiano que considera o ser humano como uma máquina e que a preocupação deve voltar-se para o “conserto de seus defeitos”. Tal pensamento incorre em uma lógica de linearidade causal, caracterizando o reducionismo.

A respeito da redução do fenômeno aos seu elementos constituintes, Capra (1982), diz que “ao concentrar-se em partes cada vez menores do corpo, a medicina moderna perde freqüentemente de vista o paciente como ser humano” (p.116). De fato, o estudo fragmentado do sujeito e a visão reducionista e determinista (seja para um extremo ou outro) impossibilitam o verdadeiro entendimento sobre o sujeito e sua saúde. Na perspectiva do modelo biomédico não há sujeito, pois este reduz-se a própria doença, reduz-se ao sintoma.



O pensamento cartesiano tem grande influência no pensamento científico ocidental. A dicotomia entre mente e corpo suscitou a fragmentação do estudo da saúde entre as duas instâncias, colocando-as como paralelas. Houve também, na modernidade, o movimento de tentar uní-las em uma totalidade global. Segundo Foucault (1988), não se pode admitir nem o paralelismo abstrato, que não confere relação entre as instâncias física e psíquica, nem a noção de totalidade que se encerra em uma unidade maciça. “É preciso dar crédito ao próprio homem” (p.21). É necessário acrescentar o aspecto cultural, social, individual, subjetivo e complexo que envolve o tema da saúde para entender que esta vai muito além da ausência de sintomas, que nem a saúde nem a doenças são produtos gerados mecanicamente por uma causa única.

Sobre a necessidade de lançar um novo olhar sobre o tema, Capra (1982) acrescenta que:

Os pesquisadores médicos precisam entender que a análise reducionista do corpo-máquina não pode fornecer-lhe uma compreensão completa e profunda dos problemas humanos. A pesquisa biomédica terá que ser integrada num sistema mais amplo de assistência à saúde, em que as manifestações de todas as enfermidades humanas sejam vistas como resultantes da interação de corpo, mente e meio ambiente, e sejam estudadas e tratadas nessa perspectiva abrangente “. (p.155)

## **2.2 O Processo Saúde/Doença**

A partir da concepção da subjetividade e complexidade que viabiliza um entendimento do sujeito enquanto ativo na constituição de si e de seu meio, propõe-se

neste tópico o aprofundamento do tema da saúde no intuito de superar e contrapor a idéia de saúde como ausência de sintomas ou como um estado estático e da doença como produto determinado de forma linear por uma causa específica.

Partindo desta nova perspectiva abandona-se a idéia de saúde/doença como produtos. A saúde, assim como a doença devem ser entendidas como processos complexos e qualitativos que definem o funcionamento completo do organismo, em que o somático e o psíquico se integram de forma sistêmica e inseparável (González Rey, 2004a).

A saúde não deve ser associada a um estado de normalidade, pois é um processo único que apresenta manifestações próprias. Segundo González Rey (2004a) para conceituar a saúde individualmente é preciso que esta seja entendida da seguinte forma:

...a saúde é uma integração funcional obtida individualmente mediante múltiplas altrnativas. (...) é um processo que se desenvolve constantemente, do qual o indivíduo participa de forma ativa e consciente na qualidade de sujeito do processo. (...) é uma expressão plurideterminada e seu curso não se decide pela participação ativa do homem de forma unilateral. (...) A expressão sintomatológica da doença resulta de um funcionamento estável das funções e mecanismos que expressam o estado de saúde. (p. 02 – 03)

Partindo desta concepção entende-se que a saúde não é um estado estático do organismo e sim dinâmico e processual do qual o sujeito é mediador. Isto não significa que o sujeito possa determiná-la, pois a saúde envolve aspectos genéticos, congênitos, somato-funcionais, sociais e psicológicos, sendo assim, o sujeito participa de seu processo, mas não tem a condição de determiná-lo a partir de sua vontade.

Neste sentido, a saúde ultrapassa a idéia de ausência de sintomas e é definida como “um funcionamento integral que aumenta e otimiza os recursos do organismo para diminuir sua vulnerabilidade aos diferentes agentes e processos causadores da doença” (González Rey, 2004a. p. 03).

É importante salientar que a saúde física e mental, como afirma González Rey (2003), está muito relacionada à capacidade do sujeito de produzir sentidos antes seus conflitos. Quando o sujeito não consegue produzir alternativas que definam novos espaços de integração pessoal, pode-se iniciar o processo de gênese patológica. A partir de tal compreensão, o sujeito pode ser agente de sua saúde quando parte de uma orientação ativa neste sentido. O sujeito ativo busca alternativas e recursos para transpor uma limitação, não cedendo a ela.

Ressalva-se a importância do *modo de vida* para abordar o tema da saúde. González Rey (2004a) explica que o modo de vida é “um importante conceito sociológico no qual se expressam as motivações essenciais do homem num sistema de atividades concretas” (p.16). O modo de vida está relacionado ao desenvolvimento da cultura de um povo que repercute nos hábitos individuais de seus integrantes, mas refere-se, principalmente aos hábitos que o sujeito elege adotar.

A respeito do modo de vida do sujeito ativo, González Rey (2004a) diz o seguinte:

Quando o homem é portador de uma orientação ativa, ou seja, é gestor de sua própria cultura individual, assume a responsabilidade de seus atos, desenvolvendo uma sólida orientação volitiva em relação aos diferentes aspectos de sua vida. Além disso é capaz de influenciar todo o seu sistema de hábitos em função de seus objetivos pessoais e do sentido exercido por estes em sua concepção de mundo (p.23).

A partir do exposto, compreende-se que o sujeito inevitavelmente participa da construção do seu processo de saúde ou doença, seja por uma orientação ativa ou passiva, mas que não os determina. Tal concepção representa um olhar diferenciado à saúde que rompe com o modelo biomédico e com determinismos de qualquer ordem, visto que a saúde é aqui considerada como um processo. Representa também, um olhar aprofundado sobre o homem que vai além da aparência e mergulha na singularidade do sujeito para buscar compreender o que pode ser realmente salutar.

### **2.3 Hipertensão**

Segundo as Diretrizes Brasileiras de Hipertensão Arterial – DHA (2006), a hipertensão representa um fator de risco independente, linear e contínuo para doença cardiovascular. Pode gerar complicações, tais como: doença cerebrovascular, doença arterial coronariana, insuficiência cardíaca, insuficiência renal crônica e doença vascular de extremidades.

As estatísticas apresentadas pela DHA indicam que no Brasil, em 2003, 27,4% dos óbitos foram decorrentes de doenças cardiovasculares, atingindo 37% quando são excluídos as mortes por causas mal definidas e pela violência.

O fator de risco principal da doença cerebrovascular é a hipertensão. Entre os fatores de risco para mortalidade, hipertensão arterial explica 40% das mortes por acidente vascular cerebral e 25% daquelas por doença coronariana.

Porém a hipertensão é silenciosa. Como afirma Varela (2008), “muitos acham que aumento da pressão provoca dor de cabeça, tontura, peso na nuca, mas, como nada sentem, passam anos sem medi-la. Está errado, a doença é silenciosa. Só provoca sintomas em fases muito avançadas ou quando ocorre aumento abrupto” (p.1).

A atual pesquisa pretende construir informações a respeito da configuração subjetiva da doença no sujeito. Não se pretende fazer correlações lineares entre a doença e fatores personológicos ou comportamentais, mas sim compreendê-la em cada individuo concreto. Pode-se encontrar regularidades que se apresentem como indicadores da doença, mas estes não devem ser entendidos de forma estanque ou determinista, mas sim processual e que representem uma possibilidade para o entendimento e caminho para aprofundamento sobre a configuração da doença, e não sua explicação final.

González Rey (2004a) apresenta indicadores encontrados referente pessoas hipertensas e infartadas estudadas em uma série de pesquisas que seguem essa linha de trabalho sob sua orientação. O autor diz que:

Entre as regularidades gerais encontradas nesses sujeitos, observou-se a presença, muito generalizada, dos indicadores funcionais do nível de normas, estereótipos e valores, ao lado de outros importantes indicadores psicológicos, tais como: determinismo externo, orientação ao perfeccionismo em sua atividade, pobreza de interesses, deslocamento de seus desejos e aspirações pessoais aos de outras pessoas (...), circuitos tensionais reverberantes e perda do sentido da vida. (p.128).

Para o autor, ao se analisar a relação entre tais indicadores, pode-se perceber que eles apontam um processo de despersonalização, ou seja de uma orientação pautada por critérios externos e que conflitam com as múltiplas necessidades individuais que o sujeito não expressa. Este conflito pode levar à perda do sentido da vida.

Neste ponto, acredito que a subversividade possa representar uma alternativa para a emergência do sujeito na medida em que ele retoma o sentido da própria vida a partir da orientação por referenciais próprios e, também, como alternativa para a produção de saúde a partir do rompimento com a orientação externa e alienante que o coloca em conflito consigo mesmo, e que, na falta de recursos diante de tal conflito, pode levar o sujeito ao processo patológico.

### 3. Metodologia de Pesquisa

#### 3.1 Epistemologia Qualitativa

A metodologia empregada nesta pesquisa se baseia na Epistemologia Qualitativa que permite uma compreensão aprofundada da construção de modelos de pesquisa que sustentam uma rede de informações oriundas da produção do conhecimento do/pelo sujeito. Tal perspectiva enfatiza a qualidade daquilo que se expressa como produção subjetiva, singular pelo sujeito pesquisado e pelo pesquisador (González Rey, 2005b).

González Rey (2005b) apresenta a Epistemologia Qualitativa como “primeiro esforço abrangente no estudo científico da subjetividade” (p. v). Porém, seu estudo rompe com a metodologia empregada pela ciência positivista que desqualifica a qualidade e a subjetividade do sujeito pesquisado assim como marginaliza o próprio sujeito, focalizando o “objeto” de estudo enquanto elemento concernente com seus modelos padronizados e validados em laboratório.

A Espistemologia Qualitativa visa focalizar o sujeito e sua subjetividade por meio de uma metodologia que escape do instrumentalismo vigente no modelo de ciência dominante. Sobre este assunto, González Rey (2005b) diz o seguinte:

O instrumentalismo tem hegemonizado o processo de coleta de informações nas ciências sociais. Os instrumentos, segundo essa tradição têm sido associados a categorias universais através das quais se estabelecem relações diretas e universais entre certos significados e formas concretas de expressão do sujeito. Partindo dessa forma de uso, a aplicação de tais instrumentos não passa de uma rotina classificatória. (p. 2-3)

Na perspectiva apresentada, o instrumento é utilizado como meio para a afirmação conclusiva, sem exigir a atitude reflexiva do pesquisador, pois este não produz, mas sim, aplica um conjunto de conhecimentos pré-estabelecidos. A pesquisa qualitativa insere a postura reflexiva do pesquisador e permite a fundamentação e questionamento dos princípios metodológicos, dos instrumentos utilizados, identificando seus limites e possibilidades. Além disso, a pesquisa qualitativa não adota um processo metodológico engessado. Como afirma Flick (2004) deve-se planejar métodos que sejam abertos para fazer justiça à complexidade do estudado. Para o autor “o objeto em estudo é o fator determinante para a escolha de um método, e não o contrário. Os objetos não são reduzidos à variáveis únicas, mas são estudados em sua complexidade e totalidade em seu contexto diário” (p. 21).

A respeito do conhecimento científico, Demo (2000) diz que a ciência não pode ser apreendida pelo homem. Para o autor, “como o ser humano é parte da natureza não pode dar conta de toda a natureza. Nenhuma descrição pode ser completa. Não podemos pedir isso da ciência” (p.46). Em outro momento o autor afirma que “o fato de que toda explicação deixa coisas inexplicadas não prova limite insuperável da ciência, mas mostra apenas sua dinâmica complexa e natural” (p. 45). A epistemologia qualitativa parte deste pensamento e considera a complexidade como própria da realidade estudada, não sendo possível sua apreensão pelo conhecimento científico.

Turato (2003) define o método clínico-qualitativo como “um meio científico de conhecer e interpretar as significações – de naturezas psicológicas e sociais – que os indivíduos (...) dão aos fenômenos do campo da saúde-doença” (p. 240). O conhecimento emergente da interpretação caracteriza a compreensão de que não se pode apoderar da realidade, não há neutralidade na ciência, já que a construção do conhecimento passa pela interpretação do pesquisador.



A epistemologia qualitativa despoja-se de exigências e necessidades estabelecidas à priori para a construção do conhecimento. Esta postura pretende libertar o pesquisador das amarras do instrumentalismo para que ele deixe de servir uma ciência que se propõe à validação e simplificação do fenômeno estudado perdendo de vista a profundidade e a subjetividade do mesmo. A pesquisa qualitativa caracteriza-se pela “abertura das perguntas, rejeitando-se toda resposta fechada, dicotômica, fatal. Mais do que o aprofundamento por análise, a pesquisa qualitativa busca o aprofundamento por familiaridade, convivência, comunicação” (Demo, 2000, p. 159).

A Epistemologia Qualitativa enfatiza princípios gerais da produção de conhecimento que dão sustentabilidade à proposta metodológica. Um destes princípios é a defesa do caráter *construtivo-interpretativo* do conhecimento que implica compreender o conhecimento como produção e não como apreensão linear da realidade apresentada. Enfatizar o conhecimento como produção, construção humana é caracterizar o conhecimento e seu valor heurístico pela zona de sentido que ele apresenta, pelo espaço de inteligibilidade que é gerado possibilitando o aprofundamento em determinado campo de construção teórica. Sendo assim, o valor do conhecimento não está em sua correspondência com o real, superando-se a ilusão de sua validade. A legitimidade do conhecimento enquanto processo de construção está na capacidade de produzir, continuamente, novos aportes “no curso da confrontação do pensamento do pesquisador com a multiplicidade de eventos empíricos coexistentes no processo investigativo” (González Rey, 2005b, p. 07).

O conhecimento deve partir da especulação, pois esta caracteriza o pensamento, a fantasia e todos os processos subjetivos envolvidos na criatividade do pesquisador enquanto sujeito. Apesar da especulação representar uma ameaça para o pensamento científico positivista, na abordagem qualitativa o perigo não está na especulação em si,

mas sim na separação desta do momento empírico, pois gera um pensamento reificado que acaba tornando-se rotulante e universalista (González Rey, 2005b).

Outra importante consideração acerca da metodologia qualitativa é seu caráter *teórico*. Sobre isso, González Rey (2005b) assinala que:

Tal metodologia é orientada para a construção de modelos compreensivos sobre o que se estuda. (...) A afirmação do caráter teórico desta proposta não exclui o empírico, nem o considera em lugar secundário, mas sim o compreende como um momento inseparável do processo de produção teórica. Assim, pretendemos romper definitivamente a dicotomia entre o empírico e o teórico, na qual o empírico se situa como atributo de uma realidade externa e o teórico é considerado mera especulação ou um simples rótulo para nomear o empírico. (p. 8-9)

A pesquisa qualitativa é produção teórica por representar a permanente construção e abertura de espaços de inteligibilidade sobre o assunto estudado, não se reduzindo à teorias preexistentes, mas sim, acompanhando a pesquisa atual e expressando o pensamento e a elaboração do pesquisador. Neste sentido, chega-se a outros dos princípios que sustentam a Epistemologia Qualitativa: a *legitimação do singular* como instância de produção do conhecimento científico.

Sobre este princípio, González Rey (2005b) aponta que:

O valor do singular está estreitamente relacionado a uma nova compreensão acerca do teórico, no sentido de que a legitimação da informação proveniente do caso singular se dá através do modelo teórico que o pesquisador vai desenvolvendo no curso da pesquisa. A informação ou as idéias que aparecem através do caso singular tomam

legitimidade pelo que representam para o modelo em construção, o que será responsável pelo conhecimento construído na pesquisa. (p. 11)

A análise de casos singulares implica a reflexão, interpretação e produção próprias do pesquisador. Além disso, expressa o contexto empírico e teórico atual da pesquisa. A consideração do singular na construção do conhecimento representa uma opção epistemológica que permite compreender a pesquisa qualitativa como uma produção dinâmica. Para González Rey (2005b) as hipóteses do pesquisador estão ligadas a um modelo teórico que entra em tensão constante com o momento empírico. Sua legitimidade está na capacidade do modelo para gerar alternativas de inteligibilidade ante a tensão e de aprofundar permanentemente a compreensão da realidade estudada como sistema.

O terceiro atributo geral da Epistemologia Qualitativa e que está ligando aos anteriormente expostos é o ato de compreender a pesquisa, nas ciências antropológicas, como um processo de comunicação, um processo *dialógico*. Tal princípio baseia-se na noção da comunicação como sendo a via privilegiada para conhecer as produções subjetivas e a configuração de sujeitos individuais assim como conhecer a maneira como as diversas condições objetivas da vida social influem neles. Segundo González Rey (2005b) “a comunicação será a via em que os participantes de uma pesquisa se converterão em sujeitos, implicando-se no problema pesquisado a partir de seus interesses, desejos e contradições” (p.14). Desta forma, abandona-se a noção de neutralidade na qual a relação pesquisador-objeto tinha a comunicação apenas como ruído perturbador interferindo na objetividade buscada. (González Rey, 2005b). Sobre a importância do caráter dialógico na pesquisa qualitativa, González Rey (2005b) diz o seguinte:

A comunicação é o espaço privilegiado em que o sujeito se inspira em suas diferentes formas de expressão simbólica, todas as quais serão vias para estudar sua subjetividade e a forma como o universo de suas condições sociais objetivas aparece constituído neste nível. (p. 14)

### **3.2 Participantes da Pesquisa**

As participantes dessa pesquisa foram duas mulheres diagnosticadas como hipertensas. Com o consentimento delas, a pesquisadora convocou cada uma para uma reunião particular e individual, em que foram explanados os motivos da pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) foi assinado. Também foi apresentada uma Carta Convite (Apêndice B) às participantes da pesquisa, explicando em linhas gerais a justificativa, os objetivos da pesquisa, a relevância do estudo e o caráter voluntário da participação. As participantes poderiam desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e independentemente de um motivo.

### **3.3 Instrumentos**

Os instrumentos que foram utilizados nessa pesquisa são coerentes com a metodologia adotada, não tendo a função de categorizar os dados encontrados na pesquisa, mas sim servir como um meio pelo qual se provocará a expressão do sujeito. Ele não será obrigado a responder tudo que for lançado pelo pesquisador. O objetivo do instrumento é de facilitar a expressão aberta e comprometida do outro, usando para isso

os estímulos e situações que o pesquisador julgar convenientes. O instrumento, neste sentido, privilegia a expressão do outro como processo, estimulando a produção de tecidos de informações e não de respostas pontuais (González Rey, 2005b, p. 43)

Os instrumentos que foram utilizados nesta pesquisa são: Dinâmica conversacional, Complemento de frases e Anamnese.

### **3.3.1 Dinâmica Conversacional**

Para González Rey (2005b), a dinâmica conversacional é um processo que tem como objetivo conduzir o participante a campos significativos de sua experiência pessoal que são capazes de envolvê-la no sentido subjetivo dos diferentes espaços delimitadores de sua subjetividade individual. Assim sendo, é a partir desses espaços que o relato expressa seu mundo, suas necessidades, seus conflitos e suas reflexões. Isto facilita o surgimento de novos processos simbólicos e de novas emoções, levando à trama de sentidos subjetivos.

Nessa pesquisa a conversação teve o objetivo de ocasionar tal condução do sujeito o que também implica na participação ativa e criativa do pesquisador.

### **3.3.2 Complemento de Frases**

O complemento de frases é um instrumento de análise qualitativa que se organiza por uma quantidade variável de frases incompletas que o sujeito deverá completar com aquilo que vier à mente durante a leitura (Apêndice C). Esse instrumento foi aplicado depois que já havia se estabelecido um diálogo entre pesquisador e participante.

Por meio deste instrumento, tem-se a possibilidade de entrar em campos de sentidos complexos da vida do participante. O complemento de frases nos permite produzir indicadores que, em sua relação com a interpretação do pesquisador, são fontes de construções teóricas que possibilitam o desenvolvimento de modelos capazes de gerar inteligibilidade sobre o problema estudado (González Rey, 2005b).

### **3.3.3 Anamnese**

A anamnese (Apêndice D) tem a função de coletar as informações que o sujeito oferece a respeito de uma doença que ele mesmo ou alguém a quem ele acompanha possui. Segundo Turato (2003) “a anamnese é um procedimento fundamental da prática clínico-assistencial, com a finalidade de conhecermos o que há de memorizado acerca das manifestações e correlatos de certa doença para o profissional chegar a um diagnóstico clínico (etiológico, sindrômico, nosológico, e/ou nosográfico)” (p.308). Para este autor, a anamnese também pode ser aplicável dentro das finalidades de trabalho científico sem ter objetivos intencionalmente terapêuticos.

### **3.3.4 Cenário**

O cenário é o momento no qual a pesquisa é apresentada e se forma o clima da comunicação e da participação para facilitar o envolvimento entre as pessoas. A criação do cenário deve se caracterizar pela autenticidade e participação ativa tanto do pesquisador quanto do pesquisado. Trata-se do momento em que se estabelece o vínculo que propiciará o desenvolvimento da pesquisa a partir da colocação atuante e dinâmica do sujeito pesquisado. A criação deste momento não segue nenhuma rigidez

no sentido de produzir um resultado desejado, pois no desenrolar do processo dialógico da pesquisa podem surgir sentidos diferentes para o participante que não atendam ao que se espera dele. A pesquisa é um processo dinâmico que pode apresentar diversas dificuldades ao pesquisador conduzindo-o a modificar o rumo de sua pesquisa (González Rey, 2005b).

A presente pesquisa constitui-se de dois momentos de interação, sendo o primeiro com a participante *Carmem* e o segundo com a participante *Lívia* (estes nomes são fictícios utilizados para preservar a identidade das participantes).

Logo que cheguei à casa de Carmem, fui recebida com muita simpatia. Ela insistiu em me oferecer um refresco que, por fim, aceitei. O primeiro momento de nossa interação foi facilitado pelo fato dela ter sido indicada por minha tia, fato que serviu para facilitar o início de nossa conversa. Carmem me disse que possui ótimas referências sobre mim, obtidas por parte de minha tia. Eu lhe disse a mesma coisa. Comentamos mais um pouco sobre a tia referida iniciando, em seguida, a pesquisa de forma descontraída.

Informei à Carmem dos objetivos da pesquisa, do caráter voluntário de sua participação, do sigilo das informações trocadas e de sua identidade, dos instrumentos utilizados (complemento de frases) e passei-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido bem como a Carta Convite para que a mesma assinasse confirmando sua participação. Ela aceitou com aparente boa-vontade fazendo objeção somente à gravação das conversas. Ela disse que não se sentiria à vontade sendo gravada porque não gostava de sua voz. Eu aceitei a condição e perguntei-lhe se, sendo assim, ela não se sentiria incomodada se eu anotasse detalhes de nossas conversas. Carmem disse que não se importaria e aparentou estar disposta à participar.

Assim passamos para a pesquisa, a qual iniciei com a ficha de anamnese. Ela a respondeu de forma interativa, comentando as perguntas. Depois passamos para a dinâmica conversacional em que comecei a perguntar-lhe sobre sua hipertensão e assuntos relacionados. Ela demonstrou interesse, mas apresentou respostas diretas e objetivas, diante das quais eu precisava aprofundar com novas perguntas para ampliar as informações que buscava. Isto dificultou um pouco para que eu fizesse um apanhado maior de elementos subjetivos de Carmem.

Houve dois momentos que, a meu ver, demonstraram mais claramente seu interesse e engajamento na pesquisa. Logo no início da conversa, seu telefone tocou por duas vezes. Ela pediu licença, pois temia ser algo urgente, voltando rapidamente. Porém, um pouco mais tarde, quando a conversa estava mais consistente, o telefone tocou novamente e ela então me disse: *“pode deixar que agora eu não vou atender”*. Eu lhe disse que podia ficar à vontade, mas ela reforçou: *“Não, não vou atender mesmo. Podemos continuar.”* Outro momento que demonstrou seu interesse, foi quando lhe perguntei o que ela gostaria de saber hoje. Ela respondeu: *“O resultado do meu teste”*. Eu lhe expliquei que não se tratava de um teste, pois não iria avaliá-la em nenhum momento e ela então explicou melhor que referia-se à conclusão deste trabalho no que lhe dizia respeito. Eu falei que faria a apresentação e que iria disponibilizar o trabalho escrito para ela caso quisesse. Ela respondeu afirmativamente e perguntou detalhes da data de apresentação. Fiquei contente por perceber seu interesse.

O segundo momento da pesquisa foi com a participante Lívia. Quando cheguei a sua casa ela me recebeu de forma um pouco tímida, mas disposta. Iniciamos a conversa já com a apresentação dos objetivos e informações sobre a pesquisa e posterior assinatura da Carta Convite e Termo de Consentimento. Lívia demonstrou preocupação em ser adequada para a pesquisa, o que identifiquei tanto em nossa



conversa por telefone no dia de marcar o primeiro encontro quanto no dia que lhe visitei. Nestes dois momentos ela disse: “*não sei se meu caso serve pra sua pesquisa. Minha hipertensão tá estável*”. Eu lhe disse para não se preocupar em estar adequada e que suas contribuições seriam valiosas para minha pesquisa. Porém, em momentos posteriores ela continuou demonstrando esta preocupação.

Iniciamos a pesquisa com o preenchimento da ficha de anamnese. Lívia preferiu que eu mesma a preenchesse a partir de suas respostas. Consenti e preenchemos a ficha de forma interativa. Ela desenvolvia cada assunto que surgia demonstrando estar à vontade e participativa. Quando comentei sobre os próximos encontros que faríamos, ela sugeriu de se deslocar até minha faculdade para facilitar para mim. Eu lhe disse que não precisaria fazer isso e que eu mesma iria ao seu encontro, mas fiquei contente de perceber sua colaboração e participação ativa.

Percebi o engajamento de Lívia na pesquisa por sua forma de desenrolar as histórias, acrescentar comentários, o que tornava a conversa espontânea, diferente de uma entrevista com perguntas e respostas. Nos dois momentos que o telefone tocou, ela atendeu, mas disse ao interlocutor que retornasse mais tarde, pois estava recebendo uma visita e não poderia atender no momento.

No início de nossa conversa, Lívia demonstrava atribuir grande peso à genética em relação a sua hipertensão. Então lhe disse que a pesquisa tinha o foco nos fatores emocionais, históricos e psicológicos relacionados à hipertensão e que a saúde se processa na integração destes aspectos com os fatores genéticos e orgânicos. Perguntei se ela concordava e ela prontamente concordou dizendo: “*Ah, com certeza a nossa maneira de viver, nossos sentimentos, nossos pensamentos, tudo isso influencia nas doenças.*”. A partir deste momento ela passou a falar sobre sua hipertensão incluindo

estes outros fatores, o que me proporcionou maior abertura para desenvolver os assuntos que eu buscava para aproximar dos objetivos da pesquisa.

Lívia disse que não se incomodaria em ser gravada. Ela me perguntou se eu iria apresentar a pesquisa e quando seria, pois tinha interesse em assistir, além de ter uma cópia do trabalho escrito. Quase no fim de nosso encontro ela disse que já havia participado de outras pesquisas de estudantes, mas “*não com essa profundidade*”. Percebi essas colocações da participante como indicadores de seu interesse, engajamento e credibilidade colocada na pesquisa. Quando disse que já havia terminado minha entrevista ela disse para eu ficar mais um pouco e conversamos informalmente sobre assuntos diversos de forma espontânea. A meu ver, isso demonstra que a relação estabelecida entre nós proporcionou um vínculo agradável e confortável.

## **4. Construção da Informação**

### **4.1 Construções elaboradas a partir do caso da participante Carmem.**

Carmem é uma mulher de 44 anos, diagnosticada como hipertensa desde os 17 anos de idade. Acredita ter como principal causador de sua hipertensão o fator genético devido os casos da doença na família. Seu pai era hipertenso e faleceu devido um infarto. Sua mãe é hipertensa do grupo de risco e já teve alguns transtornos cardiovasculares. Um dos seus seis irmão (todos hipertensos) recentemente teve um AVC que o levou ao coma e depois ao falecimento.

Carmem é casada a 26 anos, possui um filho de 24 anos e reside com eles no plano piloto em Brasília. Ela relatou que sempre fez o acompanhamento médico da hipertensão e que sempre teve fases de altos e baixos sendo que tem períodos que toma remédios controlados e outros períodos que pode ficar sem tomar. Ele diz que seu aumento de pressão é assintomático e que nunca ocorreu aumentos muito graves detectados que a levassem à outros problemas decorrentes. Ela diz que sempre cuida de sua saúde procurando ter hábitos saudáveis. Ela não ingere frituras nem refrigerantes, evita carne vermelha e massas. Pratica atividade física freqüentando a academia cinco vezes por semana e não fuma nem toma bebidas alcoólicas. No momento, Carmem está com a pressão estabilizada, inclusive a poucos dias, por indicação do médico, deixou de tomar os remédios.

Está em Brasília a 11 anos, é natural de São Paulo, veio para Brasília acompanhando seu marido por assuntos profissionais e com o intuito de fazer aquilo que gostasse. Investiu nas artes plásticas e deixou seu antigo emprego que, segundo

ela, já não estava mais muito compensador. Tem planos de realizar cursos e viagens e diz estar em um momento muito feliz.

A partir dos encontros com Carmem, eu delineei o que percebo serem alguns núcleos de sentido que se relacionam com sua saúde e que podem estar associadas à subversividade que é tema desta pesquisa. Estas construções são interpretativas e foram elaboradas a partir de minha produção sobre o momento empírico, não sendo evidentes nos fatos. Denomino estes núcleos de sentido como: O não pertencimento à família; A busca de si; e A autenticidade e a saúde.

### **O não pertencimento à família**

Durante as entrevistas, Carmem comentou muito sobre sua família de origem (pais e irmãos que moram em São Paulo). Ela relata ser muito diferente deles, que todos são parecidos entre si, mas que ela é diferente.

Eu percebo que há um núcleo de sentido em seu sentimento de não pertencer à família. No complemento de frases ela coloca: *“minha família..... problemática”*. Em outro momento ela diz: *“Não sei se eles são felizes. Acho que sou diferente deles porque eu to consciente do que faço e do que quero. Tenho uma visão diferente deles. Eles são negativos, reclamam muito. Eu sou assim, quando não tá bom eu corro atrás pra ficar...”*.

Estas narrativas demonstram que Carmem não compartilha da dinâmica de sua família em relação à negatividade. Ela diz ser positiva, que por mais que tenha problemas, não deixa de visualizar algo de bom. Além deste ponto, Carmem, em outro momento relata que se sente diferente em relação à postura invasiva de alguns de seus familiares, o que gera conflitos. Ela diz *“me incomodava porque, assim como eles*

*querem sempre trocar e dividir problemas e reclamações entre si, eles também querem dar palpite na minha vida, dar um parecer, e eu não gostava disso. Eu não sou assim. Eu não fazia parte daquilo.”*. Estas falas de Carmem expressam um indicador de que ela não se sente pertencente à dinâmica familiar no que diz respeito aos elementos por ela relatados como a negatividade e a postura invasiva deles.

Então, a 11 anos atrás, Carmem veio para Brasília com seu filho acompanhar seu marido em investidas profissionais. Ela diz que depois deste afastamento, percebeu que não tinha tranquilidade vivendo próxima de sua família de origem e que experimentou sentimento de paz. Inclusive ela diz acreditar que a perturbação que sofria enquanto esteve próxima de seus familiares deveria provocar o aumento de sua pressão arterial, mas ela não poderia ter certeza, pois não tem sintomas e nunca foi de ter picos de pressão.

Outros relatos importantes da participante foram os seguintes: *“Essa maneira deles hoje não me afeta mais. Antes afetava, mas porque acaba que você tá perto que você se preocupa, você tá fazendo parte. (...) Eu sempre pensei que aquilo não é meu, que eu não sou daquele jeito, mas quando você tá perto você tá vivendo aquilo junto, né. (...) Antes afetava porque, por eu estar próxima eu era muito solicitada.”*

O que percebo a partir de suas falas e do indicador apresentado, é que existia uma emocionalidade muito forte que poderia estar produzindo sentidos subjetivos relacionados ao seu sentimento de não pertencer à família se articulando em sua configuração subjetiva naquela época.

Outra observação sobre os mesmos relatos da participante pode ser feita: Carmem, apesar de sempre notar que não se adequava à dinâmica de sua família, não conseguia manter o distanciamento emocional que desejava para proteger-se da

perturbação decorrente de tal relação familiar. Ela só conseguiu obter este distanciamento emocional a partir do afastamento físico (mudança de cidade).

A narrativa de Carmem denota a dificuldade que ela tinha para estabelecer uma relação sadia com sua família, uma relação na qual ela respeitasse seus próprios limites e os colocasse perante seus familiares sem deixar de ter o afeto e atenção para com eles, mas de forma que não a afetasse tanto emocionalmente. Na minha percepção, esta dificuldade decorre de sua determinação externa (González Rey, 2005a). Carmem tinha sua preocupação muito voltada para o outro, tirando, em parte, o foco de si. Algumas falas dela denotam um pouco disso: *“Você fica preocupada quando vê alguém que precisa de você passando por dificuldade. Acho que a gente tem que ajudar, dar atenção porque a pessoa ta precisando, né...”*. No complemento de frases, ela respondeu o seguinte:

*Preocupo-me..... com as outras pessoas ao meu redor, de minha convivência.*

*Sempre que posso..... ajudo as pessoas.*

*Luto.... pela minha família.*

O outro aparece com frequência no complemento de frases da Carmem. Além disso, quando ela diz que *“tem que ajudar”* numa relação linear com a necessidade que ela acredita ser das outras pessoas, como expresso em: *“porque a pessoa ta precisando”*, ela aponta um indicador de sua própria necessidade de atender aos outros.

Os indicadores sinalizam as emocionalidades que podem estar na base dos sentidos subjetivos da participante. Desta forma, penso que a dificuldade que Carmem tinha de manter uma relação saudável com a família à qual ela não se sente pertencente pode ser um ativador de sua resposta hipertensiva.

Depois que Carmem foi para Brasília, ela conseguiu ter um relacionamento mais sadio com sua família de origem. Ela diz que hoje pode falar com eles quando

sente saudades, manter o afeto, mas sem se perturbar com a maneira deles de ser que para Carmem é dissonante. Porém, a família permanece tendo um significado muito forte para Carmem. Isto fica demonstrado em sua resposta quando lhe perguntei quais seriam as coisas mais importantes em sua vida atualmente: “*meu filho, meu marido e a nossa integração familiar*”. Além das respostas no complemento de frases:

*O tempo mais feliz..... o nascimento do meu filho.*

*Luto.....pela minha família.*

Porém, percebo que Carmem, hoje, estando mais distante de sua família de origem, encontra sentido mais forte em sua família nuclear (marido e filho com quem mora). Sobre eles, Carmem diz o seguinte: “*A gente se dá muito bem. Somos muito unidos. (...) Eu acho que meu casamento é feliz. (...) Meu filho é uma graça, nós temos uma relação muito boa*”.

Estas falas indicam um relacionamento harmonioso em sua família nuclear. A família permanece tendo um sentido forte para Carmem, porém, atualmente ela voltou-se mais para sua família nuclear, à qual ela tem identificação e integração representando um relacionamento tranqüilo e feliz. Penso que a mudança de uma vivência familiar a qual ela não sentia-se pertencente para voltar-se mais à outra em que ela encontra sentido, pode estar articulada em sua configuração subjetiva alterando sua resposta hipertensiva.

### **A busca de si**

Percebi em Carmem um movimento de voltar-se para si mesma. Ela demonstra uma busca pela consciência de seus desejos e da direção de suas ações. Existe contradição em algumas de suas falas indicando que está em um processo e

evidenciando a complexidade própria da subjetividade humana. Quando ela diz, por exemplo, que as três coisas mais importantes de sua vida são o filho, o marido e a integração familiar, se contradiz com a resposta que deu quando lhe perguntei como seria sua vida se ela pudesse escolher nascer de novo: *“Seria bem livre, não teria que ficar dando satisfação pra ninguém sobre o que faço e o que deixo de fazer.(...) Ah, em princípio eu estaria sozinha, né, pra poder fazer o que quisesse sem dar satisfação. Mas pode ser que depois eu tivesse alguém sim, mas cada um em sua casa. Em seu espaço.”*

Percebo estes relatos como indicadores de um processo de Carmem. Demonstram, por um lado, a grande importância de sua família, e por outro, seu desejo de liberdade, de se desligar dos outros, de querer ter seu próprio espaço.

Outros momentos que evidenciam seu movimento de voltar-se para si é quando ela diz o seguinte: *“Eu sou assim, sabe, quando não tá bom eu corro atrás pra ficar. Estou consciente da minha vida sabe. Daquilo que quero. Hoje, o que faço eu sei porque faço e escolho fazer.”* No complemento de frases ela também diz:

*Fico..... feliz quando estou em paz comigo mesma.*

*O mais importante..... é ter saúde e paz espiritual e isso eu procuro ter e priorizo muito.*

Estas falas indicam sua busca por tornar-se dona de sua própria vida. De viver de forma convergente consigo mesma. Neste sentido, percebo como um movimento de tornar-se sujeito do seu próprio processo. Penso que tais indicadores expressam a emocionalidade de Carmem ligada à valorização de si e de seus desejos o que pode estar articulada na configuração subjetiva que expressa a melhoria de sua hipertensão.

Percebo que Carmem torna-se sujeito em diversas situações de sua vida. Uma situação que exemplifica sua postura ativa como sujeito, de não se alienar, mas ser fiel



a si mesma é quando ela conta que deixou seu emprego para investir nas artes plásticas que era seu maior desejo. *“Essa atitude é um contra-senso, mas não tava sendo compensador pra mim. Eu não vou ficar fazendo algo que não tem sentido pra mim. Eu quero correr atrás do que eu quero de verdade. Claro que é preciso levar em conta a necessidade. Mas eu não tinha tanta. Então pra que ficar? Pra mostrar para os outros?”*.

Além de ser este um indicador de que Carmem foi sujeito, isto também demonstra sua subversividade, pois ela emerge enquanto sujeito por uma via que ela mesma define como *“contra-senso”*. Ela relata que ter feito isso lhe proporcionou muito bem-estar no sentido de realizar sua própria vontade. Considerando o caráter sistêmico e configuracional da subjetividade e da saúde, pode-se pensar que tal sentimento influencie em sua hipertensão.

Outra característica que percebo como própria do sujeito emergente em Carmem é em relação a forma como se relaciona com sua própria saúde. Ela diz que procura sempre se cuidar para não adoecer e que se previne tanto na parte física, de ter uma alimentação saudável e praticar atividade física, quanto na parte emocional quando ela disse que procura *“estar em paz consigo mesma”*. Em outro momento ela diz: *“Eu não tenho medo que aconteça comigo o que aconteceu com eles (referindo se à morte dos familiares hipertensos) porque eu me cuido muito.(...) Eu não fico me estressando com tudo como essas pessoas que tem alguma coisa e muda toda sua vida por causa de uma doença. (...) Por causa da hipertensão tem vezes que eu preciso controlar remédios, mas ela não me incomoda em nada em minha vida.”*

Isto indica sua postura enquanto sujeito ativo da saúde, que procura estar consciente do modo de vida que adota para si mesma e que não se torna refém da

doença. Esta atitude pode favorecer a estabilidade da hipertensão de Carmem, pois ela procura lidar de forma saudável com sua doença.

Carmem demonstrou uma característica que também percebo como própria do sujeito. Ela busca constantemente alternativas e recursos para estar bem e feliz. Ela procura ter uma visão positiva e é ativa em sua própria vida, fazendo planos para o futuro como fazer cursos, viagens. O que percebo como indicador disso são suas seguintes falas: “*eu sou assim, quando não tá bom eu corro atrás pra ficar. (...) Eu procuro resolver as coisas sem lamentar. (...) Eu ainda quero fazer cursos, penso em literatura e talvez em faculdade de moda. (...) Eu amo ir pra academia, estar com meus amigos, eu gosto de estar em atividade. (...) Eu me considero uma pessoa feliz.*”. No complemento de frases ela coloca o seguinte:

*Amo.... a vida*

*Eu prefiro..... amar sempre*

*O dia mais feliz..... foram vários*

*A vida..... é bela quando se sabe viver*

*Com freqüência sinto..... vontade de viver*

*Eu me sinto..... muito bem.*

*Atualmente eu..... tenho muito planos para o futuro.*

Penso que seu olhar positivo para a vida também lhe proporcione saúde pois isso se reflete diretamente no seu modo de vida e na emocionalidade gerada pelas experiências vividas dia a dia. O fato de ela ser sujeito pode produzir sentidos subjetivos que se articulam em sua configuração subjetiva, reconfigurando sua hipertensão.

## A autenticidade e a saúde

Outro ponto que percebo em Carmem é sua busca pela autenticidade. Ela atualmente procura agir conforme seus próprios valores e demonstra não temer agir desta forma, mesmo quando isso significa ir contra uma maioria ou ordem pré-estabelecida. Em nossa conversa, houve um momento que ela disse o seguinte: *“Já teve situações que eu fui contra o fluxo. (...) Uma delas foi quando eu estava participando de uma votação e todos queriam fraudar para favorecer uma pessoa. Eu fui contra e, mesmo estando sozinha, falei que não concordava e que não entraria no esquema. Depois consegui impedir a fraude. (...) Eu já tive problemas com meus irmãos porque quando eu ia lá tinha dias que eu ia visitar minha mãe no dia de domingo. Mas tinha dias que eu não tava afim. Meus irmãos não aceitavam isso. Eles achavam absurdo eu não ir todos os domingos ver a mãe. Eu era a diferente. (...) Acho que o fato de eu ter deixado de estar empregada pra investir na arte que é o que gosto, isso é um contra senso. (...) Hoje eu não voltaria a estar empregada pra não ser mandada. Eu não gosto de receber uma ordem imposta de alguém autoritário. Claro, depende da necessidade.”*

Percebo todas estas falas como indicadoras de uma busca pela autenticidade que acontece pela via da subversão. Carmem, que em outros momentos apontou uma determinação externa, nas situações citadas demonstra seguir sua própria referência para nortear suas ações. O próprio sentimento de não pertencer a sua família, como comentado anteriormente, aponta sua subversividade no sentido de não se adequar à dinâmica familiar que não lhe apresenta sentido. No exemplo dado, ela demonstra que age de forma contrária àquela esperada pela família e segundo sua vontade. Ela é sujeito em suas escolhas e perante seu contexto familiar a partir do momento que não

se deixa absorver pelo *modus operandi* reinante mantendo-se atuante em sua própria vida. Além disso, o fato dela ter optado por deixar seu emprego, levando em conta que não tinha necessidade dele, evidencia sua capacidade de subverter para fazer aquilo que deseja e não se submeter à imposição alheia.

Em outro momento, procurando investigar os desdobramentos e sentimentos gerados por sua ação quando ela vai “contra o fluxo” obtive as seguintes falas: *“Naquela época eu causei muita polêmica, confusão, mas o importante é que me senti muito bem. (...) Acho que nos contextos me perceberam mais. Sempre tem quem diga “que loucura”, tem gente que tem raiva, mas eu não me importo. Não me importo com o que os outros pensam. (...) Eu acredito que adquiri respeito. (...) Acho que isso influencia pra melhor na minha saúde. Acho que no momento em que você está agindo de forma subversiva pode causar um aumento de pressão porque há a insegurança. Você tá sozinha, né, mas depois é ótimo!. eu me sinto bem, condizente com meus valores e comigo mesma. Acho que o mais importante é agir de forma convergente consigo. Detesto omissão. Tá aí uma coisa que não gosto e não sou: omissa”*.

Nestas falas percebo que a atitude subversiva de Carmem além de ser uma via para que ela se torne sujeito de sua vida, representou para ela uma forma de adquirir respeito e de ser mais percebida. Ela relata sentir grande bem estar ao agir de forma convergente consigo, assim como fala do valor de ter adquirido respeito no contexto em questão. Cabe ressaltar que sua fala também indica que a atitude subversiva em alguns momentos gera insegurança devido ao fato de estar sozinha para “ir contra o fluxo”. Ela comenta sobre este sentimento da seguinte forma: *“Então existe uma insegurança porque se você luta contra a correnteza e alguma coisa sai errado você vai ser cobrada e tá sozinha. Não tem desculpa. Então bate uma insegurança. Mas eu*

*prefiro estar sozinha em paz comigo mesma do que ir contra o que acredito pra ficar bem com todos.”*

Esta fala de Carmem ainda denota traços de sua determinação externa quando ela aponta sua preocupação com a cobrança alheia que possa surgir. Mas existe também o sentimento de busca pela autenticidade muito forte que pode gerar um conflito interno em Carmem e, neste ponto, interferir em sua saúde acionando uma resposta hipertensiva. Isso faz parte da complexidade e subjetividade do sujeito que desenvolve-se a partir dos momentos de tensão entre elementos de sua configuração subjetiva e sentidos subjetivos emergentes. Além disso, os desdobramentos que uma mudança promovida pelo sujeito pode gerar são imponderáveis, sendo que ele pode até colocar em risco sua própria condição de sujeito quando se depara com as conseqüências de sua própria ação.

O que percebo em Carmem é que, por mais que ela tenha tido insegurança em momentos decisivos em sua vida, nos quais ela foi subversiva, atualmente ela desfruta de sua vida sem arrependimento e com o sentimento de ter sido fiel a si mesma e de ser autêntica em diversas situações. Ela diz acreditar na influência positiva em sua saúde decorrente das subversões que realizou e encontra-se atualmente com sua hipertensão estabilizada. Isto pode ser um indicador de que a subversão foi um meio de produção de saúde para Carmem, representando sua postura enquanto sujeito autêntico e gerando sentimento de realização.

#### **4.2 Construções Elaboradas a partir do caso da participante Lívia**

Lívia é uma mulher de 77 anos de idade, tem dois filhos e é viúva a 23 anos. Atualmente mora com sua neta de 24 anos no plano piloto em Brasília, mas antes

morou sozinha durante algum tempo. Ela relatou que desde que descobriu a hipertensão, faz acompanhamento médico anualmente e mede a pressão com frequência no posto de saúde. Ela utiliza dois remédios para hipertensão uma vez ao dia.

Lívia diz que sua hipertensão é confusa, pois algumas vezes ela sente o corpo pesado, mal-estar e pensa estar com a pressão alta, mas quando vai medir está normal. Porém, diz que sempre sente algum desses sintomas quando sua pressão está acima do normal. Ela também disse que nunca teve picos muito altos, chegando a um máximo de 16/8 que ocorreu poucas vezes. Pratica hidroginástica três vezes por semana e geralmente se alimenta de vegetais e cereais, mas sem se abster de comer carnes ou massas em alguma ocasião. Não fuma e ingere bebidas alcoólicas socialmente. Ela concluiu o ensino médio e queria cursar uma faculdade, mas abandonou a idéia quando casou (tinha 20 anos). Desde então, é dona de casa.

Descobriu a hipertensão a mais ou menos cinco anos e acredita que possui um fator hereditário, pois sua mãe e dois irmãos entre seis, também eram hipertensos. Além disso, ela acredita que também acontece um aumento de pressão natural com o avançar da idade. A narrativa da participante indica uma idéia que faz parte da cultura biomédica que reduz a saúde e a doença ao fator orgânico ou genético, excluindo ou separando-as de qualquer elemento psicológico ou constituinte de sua subjetividade (esse indicador também aparece em algumas falas da participante Carmem). Este pensamento reforça a idéia da saúde meramente como ausência de sintomas assim como lança todo o poder nas mãos do médico, responsabilizando-o como o único capaz de intervir na saúde humana. Lívia demonstra este pensamento quando diz: *“eu penso que a causa da minha hipertensão é genética mesmo. (...) pra cuidar da hipertensão a gente tem que ter uma boa alimentação e precisa fazer exercícios físicos. (...) Eu não*

*me privo muito de comer as coisas, até porque o médico disse que não precisa*". Estas falas da participante evidenciam o paradigma do modelo biomédico caracterizando a supervalorização às questões biológicas e ao poder médico.

. A partir dos encontros com Livia eu delineei dois núcleos de sentido que percebo como relacionados à sua subversão e saúde. Denomino-os como: A Vida de Casada *versus* Viuvez; e Ser "Dona de Si".

### **A Vida de Casada *versus* Viuvez**

Em nossas conversas, Livia falava de sua vida de casada caracterizando-a como muito diferente de sua vida hoje. Em algumas de suas falas, ela demonstra como se sentia quando seu marido era vivo: *"Quando a gente é casada é uma coisa. Depois que você fica viúva você subverte. Você fica dona de si. Porque antes é tudo o marido. É cheia de obrigação. Depois eu fiquei dona da minha vida. (...) Eu tinha vontade de fazer uma faculdade, mas aí casei e já viú, né.. (...) Minha vida de casada não foi assim tão ruim porque ele saía comigo e a gente fazia coisas juntos. (...) Com ele a gente só fazia coisas juntos. Hoje eu posso fazer o que decidir na hora. Se tivesse na casa de um marido ficaria presa."* Em outro momento, quando lhe perguntei se ela tem ou pensa em ter um novo companheiro, ela respondeu: *"Não. Só dá trabalho. Porque no meu tempo era assim: a mulher cuida do marido. É um filho a mais. Um na minha idade só vai dar problemas."*

A fala de Livia apresenta um indicador de que o relacionamento conjugal para ela é aprisionador, lhe impede de ser livre ou de ter sua vida própria. Livia demonstra que se privava de fazer algo que desejasse em alguns momentos por dividir a vida com o marido. Por mais que tivesse afeto por seu falecido esposo, ela se anulava enquanto

sujeito para representar o papel da esposa, ou até da “mãe”, já que comentou ver um companheiro como “um filho mais”.

Depois de ter ficado viúva, Lívía passou a agir de forma diferente subvertendo a postura dependente do marido que mantinha enquanto casada. Suas seguintes falas apontam isso: *“a vida da gente muda muito, pois você fica dona de si. (...) Eu acho que a responsabilidade que você tem é maior porque agora você tá sozinha. Você não vai mais contar com alguém. Em compensação agora eu tô podendo fazer, eu aprendi a fazer e dou graças à Deus que eu posso fazer tudo. (...) Eu não quero mais ficar à mercê de ninguém.”*

Estas falas de Lívía demonstram que ela subverteu em sua postura e expressam um indicador de que ela sente-se capaz e independente hoje. Indicam que não estar mais casada a faz sentir-se “dona de si”. Ela tomou posse de sua vida e decide conforme sua vontade como agir sem estar “presa” ao marido.

Torna-se difícil evidenciar a relação entre os elementos analisados e a hipertensão de Lívía, pois ela descobriu que é hipertensa já por volta dos 72 anos de idade. Porém, os indicadores sinalizam sentidos subjetivos que estão configurados na subjetividade da participante. Sendo assim, a partir da compreensão do caráter sistêmico da saúde e da subjetividade humana, pode-se pensar que a mudança de sua postura perante a vida, que antes era de voltar-se para o casamento e para o marido e após a viuvez parece tentar voltar-se mais para si, articula-se em sua configuração subjetiva corroborando para a alteração de seu estado de saúde.

Percebo que Lívía também tem uma postura subversiva em relação a alguns elementos que fazem parte da subjetividade social de sua época. Conversando sobre sua juventude ela diz: *“Eu casei em 54. Naquela época era um rolo. Tinha que namorar escondido. Uma bobagem. E não adiantava nada...”*. Em outro momento,



conversando sobre o papel de mãe ela diz: *“Eu sei que tem gente da minha época que pensa que a gente tem que viver pra filho e pra neto. Eu parto do seguinte pensamento: eu já criei meus filhos, estão adultos. Não vou mais ficar presa a isso. Agora quero ter minha vida. Ficar cozinhando, fazendo comida pra eles? Não! Eu que vou comer na casa deles. E hoje existe tanto restaurante. Tá cheio de opção...”*. Houve outro momento que conversávamos sobre a cultura de sua época. Então ela disse: *“Meu filho às vezes brinca: minha mãe devia ficar em casa fazendo crochê! Eu digo: vai cuidar da sua vida!... Eu sou de uma criação de que a gente tem que saber bordar, tocar piano... mas eu não gosto disso não... Não faço!”*

Estes recortes das falas de Livia indicam que apesar dos elementos comentados fazerem parte da subjetividade social de seu tempo, de sua cultura, ela não compartilha deles, tendo sua própria referência para valorar tais aspectos. Ela tem uma postura subversiva que a direciona à tornar-se sujeito.

### **Ser “Dona de Si”**

Outro núcleo de sentido que percebo fazer parte da configuração subjetiva de Livia é sua atual busca por efetivar-se como “dona de si”. Ela demonstra estar em um processo de independência e de tornar-se sujeito e aponta contradições que evidenciam seu processo. Como exemplo, vemos que ela indica estar buscando agir de forma autêntica e ativa quando diz o seguinte: *“ Isso é a vida. Você ficou viúva... A vida vai te ensinando. Você não tem que ficar daquele jeito... e pára... e não faz mais nada. Não! É a vida! (...) Você tem que ter uma vida, pensar com amor, com alegria e fazer o que gosta! (...) Agora você vai pra festa e não pode usar um salto?! Eu uso e não tem nada*

*de ridículo! Eu uso o que gosto.(...) Eu gosto de sair, de ter amizade, sou comunicativa, eu frequento o SESC, eu to sempre ajudando lá, participando...”*

Porém, apesar da fala anunciando sua busca por tornar-se sujeito, ela demonstra, por outro lado uma preocupação demasiada como o julgamento alheio. Durante nossos encontros ela freqüentemente comentava: “*não sei se minhas respostas estão certas*”. Mesmo depois de lhe explicar que não havia respostas certas ou erradas, ela ainda repetiu mais algumas vezes. Os seguintes relatos também apontam para isso: “*Se a mulher namora depois que ficou viúva, sempre tem gente que pensa que aquilo ali ta errado. Também, você tem que prestar contas, né, você não pode sair fazendo besteiras .(...)* A gente tem que procurar seguir o caminho do meio, pra não ser chamada a atenção.” . No complemento de frases ela apresentou as seguintes respostas:

*Algumas vezes..... a gente pensa: será que tudo tá certo? Se está agindo direito no seu modo de pensar.*

*Existem momentos..... que bate uma insegurança.*

O que percebo em suas falas é que ela mantém sua preocupação voltada para o julgamento alheio caracterizando o determinismo externo. Inclusive, talvez seja este um elemento que reforce seu pensamento de não ter um novo companheiro. Sua fala também expressa uma questão de gênero que faz parte da subjetividade social na qual diferencia-se o valor das ações do homem e da mulher e caracteriza uma cultura de despersonalização da mulher. Lívia demonstra que, de certa forma, atribui sentido a esta cultura quando diz que deve “*prestar contas*” à sociedade. Seus relatos também expressam um indicador de que Lívia sente-se insegura. Penso que sua insegurança pode estar relacionada à sua postura diferenciada e subversiva. Que haja elementos de sua configuração subjetiva relacionados com sua cultura de origem, forma de ter sido

educada, valores enraizados que entram em conflito com novas formas de agir e pensar que estejam fazendo sentido para ela atualmente. Cabe ressaltar que nesta tensão, acionam-se também elementos inconscientes que participam de tal processo. A insegurança de Lívia pode estar relacionada às suas respostas hipertensivas que iniciaram a aproximadamente cinco anos.

Existe outro elemento que pode estar relacionado ao processo de Lívia por ser dona de si. É o sentimento de ser capaz e útil, expresso nos seguintes relatos: *“...agora eu to podendo fazer, eu aprendi a fazer e dou graças à Deus que eu posso fazer tudo. (...) Você se sente dona de si. Eu posso fazer isso e aquilo. (...) Acho que meus filhos ficam felizes por mim, eu não dou trabalho a eles e ainda faço assim, levo as contas deles pra pagar, faço as coisas pra eles. Sirvo pra alguma coisa, né. Ainda posso fazer isso.”*. No complemento de frases ela preencheu o seguinte:

*Com freqüência sinto..... medo de ter uma doença que me torne dependente e incapacitada.*

*Meu maior medo..... de ter uma doença que me deixe sem capacidade de fazer tudo que faço.*

*Esperam que eu..... seja uma pessoa útil, na família, com os amigos, em um caso de doença...*

Os relatos de Lívia apontam um indicador de sua satisfação em sentir-se útil e capaz, além da preocupação de não poder mais ser. Esta preocupação pode ter alguma relação com sua determinação externa, representando o receio de não poder mais atender aos outros ou de “*dar trabalho*” aos outros. De qualquer forma, penso que o sentimento de sentir-se útil também atribui sentido ao seu processo de ser dona de si.

No decorrer deste processo de Lívia penso que ela torna-se sujeito a partir de algumas posturas adotadas diante da vida. Ela relatou o seguinte: *“não me considero*

*uma pessoa doente. Nem gosto de ficar falando sobre doença como essas pessoas que ficam: ah, to com problema assim, to com problema assado... E nem gosto de ir em médico, porque eles acham tanta coisa, né! Mas não quer dizer que eu não vá. É que eu tenho amigas que vivem em médico e eu não sou assim. Acho que você tem que levar, como diz a gíria, levar tudo numa boa!. (...) Ah, eu sou assim, se eu sinto dor eu vou ao médico e digo de imediato: tira esse colírio!”*

Estas falas evidenciam que Livia é sujeito perante sua saúde. Ela toma os cuidados necessários à sua saúde, toma seus remédios, mas não vive para a doença e nem se rende à dor. Ela não se coloca como uma pessoa doente e se permite viver sem ter a hipertensão como obstáculo.

Livia demonstra em outros relatos que possui uma postura ativa e positiva perante a vida: *“Pra ter saúde é preciso fazer como eu. Você precisa vencer os obstáculos e os medos. Se divertir. (...) Eu gosto de sair, gosto de dançar, aliás, agora que as músicas não precisam mais de par eu danço à vontade! (...) A minha vida é assim, eu desligo o telefone e vou, pego um ônibus e encontro com as amigas.”* No complemento de frases ela escreveu o seguinte:

*Hoje..... é preciso aproveitá-lo.*

*Eu quero..... paz, amor, felicidade...*

*Eu me sinto..... como idosa, de bem com a vida. Porque tem gente que vive reclamando, né.*

*Farei o possível para.....olhar a vida com tranqüilidade, amor, justiça.*

*Atualmente eu..... me acho uma pessoa realizada.*

Percebo em suas falas um indicador de que Livia adota uma postura ativa e positiva perante a vida que são próprias do sujeito. Estas atitudes facilitam a produção de recursos subjetivos diante de dificuldades emergentes. Livia demonstra ter

sentimentos de esperança, gosto pela vida e realização. Estes sentimentos geram sentidos subjetivos que se articulam em sua configuração subjetiva podendo estar relacionados à estabilidade de sua hipertensão.

## Considerações Finais

### Considerações Finais Acerca do Caso de Carmem

Observou-se no caso de Carmem, que ela tinha dificuldade de estabelecer uma relação saudável com sua família de origem. Ela não se sentia pertencente à dinâmica familiar e se incomodava com a postura negativa e invasiva deles. Sua dificuldade pode estar associada à sua determinação externa. Ou seja, sua preocupação estava voltada para o outro e isso a dificultava de colocar os limites que gostaria para proteger-se da interferência de seus familiares em sua tranquilidade. Esta dificuldade pode estar articulada à sua resposta hipertensiva.

Ela só conseguiu realizar o afastamento saudável de sua família de origem quando mudou de cidade. A partir de então esteve mais voltada para sua família nuclear cujo significado atribuído por Carmem é de uma família integrada, unida e tranqüila. Nesta fase ela diz que passou a ter paz e isso pode estar relacionado à estabilização de suas respostas hipertensivas.

Observou-se também em Carmem, um movimento de busca de si. Ela demonstra estar em processo, caracterizando-o por suas contradições. Ao mesmo tempo em que ela mostra grande ligação com a família, também demonstra uma grande vontade de ser livre, de ter seu espaço, de estar desvinculada de obrigações referentes ao relacionamento familiar. Ela demonstra também que atribui grande valor ao sentimento de “estar em paz consigo mesma”. Este movimento de Carmem fez com que ela emergisse como sujeito em diversas situações como em sua escolha profissional, em sua atitude diferenciada em relação à família e em sua postura ativa, positiva, em relação à saúde e à vida.

Ela emerge como sujeito pela via da subversão em situações que ela “vai contra o fluxo” e diz sentir-se bem quando age assim, pois está sendo convergente consigo mesma. Além disso, o desdobramento que ela percebe em seu contexto social é de ter sido mais percebida e de ter adquirido respeito.

Carmem hoje se considera uma pessoa feliz e diz que não se arrepende das vezes que agiu de forma subversiva, pois ela dá grande valor à autenticidade e a fidelidade a si mesma. Encontra-se com a hipertensão estabilizada, fato que pode estar relacionado com sua realização enquanto sujeito, que aconteceu, em alguns momentos, pela via da subversão.

Ressalta-se a importância de considerar que os desdobramentos das ações do sujeito são imponderáveis, podendo colocar em cheque sua própria condição de sujeito. Neste sentido, não se pode traçar uma relação direta entre a subversividade e a produção de saúde. No caso de Carmem, ela apresenta insegurança no momento em que decide agir “contra a correnteza” podendo ser acionada uma resposta hipertensiva neste instante, porém é depois invadida pelo sentimento de satisfação de suas necessidades e vontades enquanto sujeito singular e autêntico.

### **Considerações Finais Acerca do Caso de Livia**

Observou-se no caso de Livia que sua vida de casada tem um significado de aprisionamento para ela. Depois de sua viuvez ela passou a agir tentando atender sua própria vontade e necessidade. Ela demonstra ter adotado uma postura subversiva referente a relação de dependência com o falecido esposo, não transferindo tal papel a outrem, pois passou a morar sozinha e aprendeu a fazer tudo que precisava. Neste caso, pode-se pensar que a subversão representou uma via para sua emergência como

sujeito, e como resultado da sua mudança de postura ter ocorrido uma articulação em sua configuração subjetiva no sentido de produzir saúde.

Ressalta-se que algumas de suas falas caracterizam valores presentes na subjetividade social da sociedade, tais como a idéia de que a mulher “cuida” do marido, a idéia de que o homem, depois de viúvo pode ter outra mulher e no caso da mulher ter outro esposo seria considerado errado de alguma forma. Estes pensamentos foram e são compartilhados em alguma parcela da sociedade. Porém, a partir do momento que eles são também, de alguma forma compartilhados por Livia, é porque algum sentido ela encontra nestas idéias.

Observou-se também no caso de Livia que ela está em um processo de tornar-se sujeito o qual ela denomina como ser ”dona de si”. Ela passou a olhar mais para seus desejos, necessidades e possibilidades depois de ficar viúva. Porém ela ainda apresenta traços de determinação externa caracterizada por sua preocupação com o julgamento ou avaliação alheios. Ela apresenta insegurança em relação ao seu agir no mundo que pode estar relacionada ao seu processo de subversão do qual emergem conflitos que possivelmente articulam-se em sua configuração para a resposta hipertensiva.

Livia também evidenciou adotar posturas próprias do sujeito. Ela é ativa em relação à sua saúde, procurando adotar um modo de vida saudável. Ela não se rende à doença e não passa a viver em função da mesma. Além disso, ela é ativa e positiva em seu dia-a-dia. Ela tem vida social intensa, viaja, passeia com seu grupo de amigos, participa de trabalhos em equipe, pratica atividade física e tem um olhar positivo sobre a vida relatando sentir-se realizada. Esta postura que ela adota, produz sentidos subjetivos que se inter-relacionam com sua configuração subjetiva podendo possibilitar a estabilidade de sua pressão arterial.



### **Considerações Finais Acerca dos Casos Relacionados**

A partir da análise dos casos de Carmem e Livia, pode-se encontrar alguns pontos convergentes acerca do tema da pesquisa. Ambas sinalizam em suas narrativas o pensamento predominante da cultura biomédica que enfatiza os fatores orgânicos e físicos da saúde humana supervalorizando o poder médico e marginalizando os fatores constituintes da subjetividade e *psique* do sujeito. Levanta-se assim, a importância de se adotar um olhar sistêmico sobre os assuntos da saúde enfatizando o caráter complexo e subjetivo da mesma. Um olhar que considere seu caráter processual e sua articulação na configuração subjetiva do sujeito e em seu modo de vida para pensarmos em formas mais efetivas de produzir saúde.

Outro elemento que se evidenciou em ambos os casos estudados, é a processualidade do desenvolvimento da subjetividade humana bem como seu caráter dinâmico. As duas participantes demonstraram estar em um processo de tornar-se sujeito, que é caracterizado por narrativas controversas. Houve momentos que elas expressaram indicadores de que estão agindo como sujeitos em alguma situação de vida e em outras falas apontaram a determinação externa. A contradição é constituinte da subjetividade por seu caráter complexo. Demonstra o processo do indivíduo que não estaciona em um ponto ou outro, mas que está em movimento. O movimento do sujeito é produzido pela tensão existente entre elementos que o configuram subjetivamente e novos sentidos subjetivos emergentes. Desta tensão surge a possibilidade de uma reconfiguração da subjetividade do sujeito. Neste sentido, entende-se que o estado de saúde é afetado a partir da compreensão sistêmica desses processos.

Observou-se nos casos estudados que o processo subversivo pode gerar, em algum momento, o sentimento de insegurança. As participantes demonstraram ter

posturas subversivas e por meio de seus relatos apontaram o surgimento deste sentimento em determinado momento. Penso que a insegurança, no caso das participantes, decorre de um conflito que é gerado entre elementos que perdem, em parte, o sentido para elas, mas que fazem parte de sua história e da subjetividade social e outros elementos novos, diferentes que passam a fazer sentido para elas. Talvez, ainda haja traços de determinação externa favorecendo a produção da insegurança que se associa à preocupação com o julgamento alheio diante de seu novo *modus operandi*. Porém, o sentido desta vivência é único para cada sujeito.

A partir dos casos analisados percebe-se que apesar da insegurança que pode surgir em algum momento, existe o sentimento de realização e de autenticidade emergentes da ação norteada por referenciais próprios que gera bem estar às participantes e que articulam-se com a configuração subjetiva delas favorecendo a estabilidade de suas respostas hipertensivas.

Nos casos estudados, o espaço social das participantes orientado pela postura subversiva foi construído de forma inovadora. Na percepção de Carmem, ela adquiriu respeito e visibilidade e passou a fazer parte de grupos sociais com quem tem afinidades. Ela comentou que existem pessoas que se tornam hostis, mas não se importou muito com isso, enfatizando o sentimento de sentir-se bem por agir em conformidade consigo mesma. No caso de Livia, sua subversividade teve como desdobramento a ampliação de sua rede social, e ela passou a sentir-se útil e capaz. Ela preocupa-se com o julgamento alheio, mas relatou contar com o apoio de seus familiares e amigos. Estes apontamentos indicam que elas criaram novos espaços sociais de atuação a partir da subversão e que, nestes espaços, as participantes podem gerar sentidos subjetivos relacionados à inserção e bem-estar. Estes sentidos integram-

se ao sentimento único e individual de autenticidade, o que pode favorecer o estado de saúde delas.

### **A Produção Teórica Inesgotável**

Esta pesquisa teve como objetivo contribuir para a construção do conhecimento sobre o tema, mas sem o intuito de encerrar o assunto e sim ampliar a discussão e gerar novas zonas de inteligibilidade sobre o mesmo.

O trabalho fundamentou-se em abordagens que possibilitam a produção teórica sem levá-la a uma conclusão final e fatal, compreendendo o caráter complexo e processual da subjetividade e da saúde humana.

Cabe ressaltar que, nesta perspectiva, a produção do conhecimento não pretende representar ou abarcar a realidade, mas viabilizar a inteligibilidade de algum aspecto do real, com a consciência de que o sentido gerado a partir deste contato sempre passará pela forma singular do sujeito de percebê-lo. Neste sentido, o conhecimento e suas teorias não são o reflexo da realidade, mas sim, produções humanas que se viabilizam na medida em que dão acesso à diferentes formas de expressão e compreensão da realidade. Sendo assim, o caminho do conhecimento não tem fim, pois a fonte da produção teórica é inesgotável.

### Referências Bibliográficas

- Bachelard, G. (1978). *A Filosofia do Não: O Novo Espírito Científico*. São Paulo: Abril Cultural.
- Boaventura Santos, S. (1989). *Introdução a uma Ciência Pós-moderna* (pp. 43). Rio de Janeiro, Graal.
- Capra, F. (1982). *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Círculo do Livro.
- Capra, F. (2000). *O Tao da Física*. São Paulo: Cultrix.
- Demo, P. (2000). *Metodologia do Conhecimento Científico*. São Paulo: Atlas.
- Flick, U. (2004) *Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.
- Fontanella, F. C. (1995). *O Corpo no Limiar da Subjetividade*. Piracicaba: Unimep.
- Foucault, M (1988) *Doença Mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- González Rey, F.L. (1997). *Epistemologia Cualitativa y Subjetividad*. São Paulo: Educ.
- González Rey, F. L. (2003). *Sujeito e Subjetividade: uma Aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson.
- González Rey, F. L. (2004a). *Personalidade, Saúde e Modo de Vida*. São Paulo: Thompson
- González Rey, F. L. (2004b). *O Social na Psicologia e a Psicologia Social: a Emergência do Sujeito*. Petrópolis: Vozes.

González Rey, F. L (2005a). *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Thompson.

González Rey, F. L (2005b). *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os Processos de Construção da Informação*. São Paulo: Thomson Learning.

Guattari, F. (1993). *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus

Guattari, F, Rolnik, Suely (2005). *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes.

Maldonato, M. (2001). *A Subversão do Ser: Identidade, Mundo, Tempo, Espaço, Fenomenologia de uma Mutação*. São Paulo: Fundação Peirópolis.

Merleau - Ponty, M. (1971). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Freitas Bastos.

Mitjás Martínez, A. (2005) A Teoria da Subjetividade de González Rey: Uma expressão do paradigma da complexidade na psicologia. Im: González Rey, F. L. *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Thomson Learning.

Morin, E (1999). *Ciência Com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Morin, E (2000). *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez.

Morin, E. (2006). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Porto Alegre: Sulina

Neubern, M. S. (2004). *Complexidade e Psicologia Clínica - Desafios Epistemológicos*. Brasília: Plano.

Platão. (2004). *A República*. São Paulo: Martin Claret.

Queiroz, M. S. (1986). O paradigma mecanicista da medicina ocidental moderna: uma perspectiva antropológica. Em: *Revista de Saúde Pública*. Vol. 20. no 4. São Paulo.

Rocha, Z. (junho/2008). *A Experiência Psicanalítica: Seus Desafios e Vicissitudes, Hoje e Amanhã*. Rio de Janeiro. vol. 11 no.1.

SBC (2006). V *Diretrizes Brasileira de Hipertensão Arterial*. Disponível em:  
<http://departamentos.cardiol.br/dha/vdiretriz/vdiretriz.asp>

Acesso em: 14.10.2008.

Touraine, A, Khosrokhavar, F. (2004). *A Busca de Si: Diálogo Sobre o Sujeito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Touraine, A. (2007). *Um novo Paradigma: para Compreender o Mundo de Hoje*. Petrópolis: Vozes.

Touraine, A. (1999). *Poderemos Viver Juntos? Iguais e Diferentes*. Petrópolis: Vozes.

Varela, D. (2008). *A Hipertensão é uma Doença Silenciosa e Traíçoeira*. Disponível em: <http://www.realizanews.com.br/noticias/Hipertensao-e-uma-doenca-silenciosa-e-traicoeira>.

Acesso em: 18 set, 2008.

Turato, E. R. (2003). *Tratado de Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: Construção Teórico-Epistemológica, Discussão Comparada e A plicação nas Áreas da Saúde e Humanas*. Petrópolis: Vozes.

## APÊNDICE A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A ser lido e assinado pelos responsáveis pelos adolescentes, conforme exigido pela resolução nº. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde

Nome da Pesquisa: **A subversão Como Alternativa Para a Emergência do Sujeito e Produção de Saúde: Casos de Hipertensão.**

Pesquisadora: Graduada em Psicologia Mariana Oliveira dos Santos

Orientador: Professor Dr. Fernando Luis González Rey

Senhor(a) \_\_\_\_\_

Estou realizando uma pesquisa para conclusão do curso de Psicologia no UniCEUB e gostaria de convidá-lo (a) para participar deste estudo.

O objetivo de sua participação é conversarmos sobre suas experiências relacionadas à hipertensão. Em nossas reuniões utilizarei um gravador (com sua autorização), para não perder nenhuma informação.

Pelo tipo de pesquisa, informo que não haverá procedimentos que causem desconforto ou riscos. Porém, caso necessite de algum tipo de atendimento, será encaminhado (a) ao UniCEUB ou CENFOR para recebê-lo. O pesquisador responsável é o Dr. Fernando Luis González Rey, psicólogo e professor titular da Graduação de Psicologia do UniCEUB.

A análise das informações será feita pela aluna e pelo pesquisador responsável. O sigilo e anonimato de todas as informações coletadas serão mantidos. O resultado desta pesquisa será publicado como um Trabalho de Conclusão de Curso, sendo garantida a não utilização dos dados para outro projeto de pesquisa.

Este termo foi elaborado em duas vias, sendo que uma cópia lhe será entregue e a outra ficará com o responsável pela pesquisa. Informo que sua participação será totalmente voluntária e que não será obrigado a fornecer informações que não queira, podendo desistir de participar dessa pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Não está prevista nenhuma forma de ressarcimento ao participante. Os casos de eventuais indenizações serão tratados como previstos em lei.

Para que eu possa realizar esse trabalho, preciso que autorize a sua participação nessa pesquisa.

Caso haja dúvidas, estou à sua disposição pelos telefones: (61) 3263 0991; (61) 96497117; email: mari.oliveirasantos@yahoo.com.br .Em caso de reclamações o(a) senhor(a) deverá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa pelo telefone: (61) 3340 1363.

DESDE JÁ AGRADEÇO A COLABORAÇÃO.

Atenciosamente,

Mariana Oliveira dos Santos

Pesquisadora Responsável.

Após ter tomado conhecimento dos objetivos e procedimentos desta pesquisa:

Eu, nome completo do participante, idade, RG, endereço, autorizo a minha participação no estudo realizado por MARIANA OLIVEIRA DOS SANTOS. Estou ciente que minha participação será totalmente voluntária e que poderá ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Eu recebi uma cópia deste termo e a possibilidade de poder lê-lo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Responsável

Mariana Oliveira dos Santos

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ em 2008.



**APÊNDICE B****CARTA CONVITE PARA OS PARTICIPANTES**

Ao participante \_\_\_\_\_

Gostaria de convidá-lo para participar de um trabalho que estou desenvolvendo no curso de Psicologia do UniCEUB. Nessa oportunidade conversaremos sobre sua vida, suas experiências relacionadas à hipertensão e outros temas de seu interesse. Você não será obrigado a falar o que não queira, e em qualquer fase desse trabalho, poderá desistir de participar sem acarretar nenhum problema para você. Em algumas circunstâncias provavelmente usarei o gravador para não perder nenhuma informação.

Sua participação será muito importante, pois a partir desse trabalho, estarei divulgando alternativas para produção de saúde no caso da hipertensão. Nessas divulgações o seu nome será mudado para preservar a sua identidade, caso assim ache necessário.

Caso haja dúvidas, estou à disposição do senhor pelos telefones: (61) 3263 0991; (61) 9649 7117; email: mari.oliveirasantos@yahoo.com.br . Em caso de reclamações o senhor deverá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa pelo telefone: (61) 3340 1363.

**DESDE JÁ AGRADEÇO SUA IMPORTANTE COLABORAÇÃO**

Atenciosamente,

Mariana Oliveira dos Santos

Após conversar com a pesquisadora Mariana Oliveira dos Santos, e ter lido esse documento, eu, nome completo do participante, idade, RG, endereço, aceito participar voluntariamente desse trabalho para conversarmos sobre minhas experiências relacionadas à hipertensão. Estou ciente que posso desistir de participar a qualquer momento dessa pesquisa e que não terei nenhum prejuízo caso isso ocorra. Eu recebi uma cópia desse termo para poder lê-lo em outra oportunidade e meus pais ou responsáveis estão cientes da minha participação nessa pesquisa de Graduação em Psicologia realizada pelo UniCEUB em Brasília.

---

Assinatura do Participante

---

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Mariana Oliveira dos Santos

**APÊNDICE C**

## Complemento de Frases

Eu quero saber
O tempo mais feliz
Eu gosto
Os estudos
Infelizmente
Minha família
Meus amigos
Amo
No futuro
Meu pai
Eu prefiro
Eu sinto
Hoje
Não gosto
Minha mãe
Fico
O dia mais feliz
Gostaria
Eu quero
Meu maior problema
Eu sou
A vida
Esse lugar
Às vezes

Preocupo-me
Luto
Muitas vezes penso
Um dia eu quero
Minha casa
Com frequência sinto
Quando tenho dúvidas
Eu me sinto
Quando estou sozinho
Meu maior medo
Sofro
O mais importante
Algumas vezes
Tenho vontade
Gostaria de saber
Detesto
Esperam que eu
Se eu pudesse
Sempre que posso
Meu melhor amigo
Tenho saudades
Farei o possível para
Atualmente eu
Penso que os outros
Um dia
Aqui

**APÊNDICE D****FICHA DE ANAMNESE**

Pesquisador:

Data:

Local:

1- Nome:

2- Idade:

3- Escolaridade:

4 - Profissão:

5 - Local De Trabalho:

6 - Estado Civil:

7- Filhos:

8 - Quantos:

9 - Prática de Esportes:

10- Qual:

11 - Frequência:

12 - Fuma:

13 - Bebidas Alcoólicas:

14 - Frequência:

15 - Pessoas Hipertensas Na Família:

16 - Núcleo Familiar:

17 - Tem acompanhamento médico? Qual a frequência das consultas?

16 - Utiliza fármaco para regular a pressão arterial? Quais? Dosagem e forma de uso.

17 - Há quanto tempo você descobriu que tem hipertensão?

18 - Como você descobriu que tem hipertensão?

19 – Descreva um dia típico de refeições – café da manhã, almoço e jantar, e refeições entre as principais.

20 - O que mudou na sua vida depois que você descobriu que tinha hipertensão?

21 - O que significa a hipertensão para você?



